



CRB

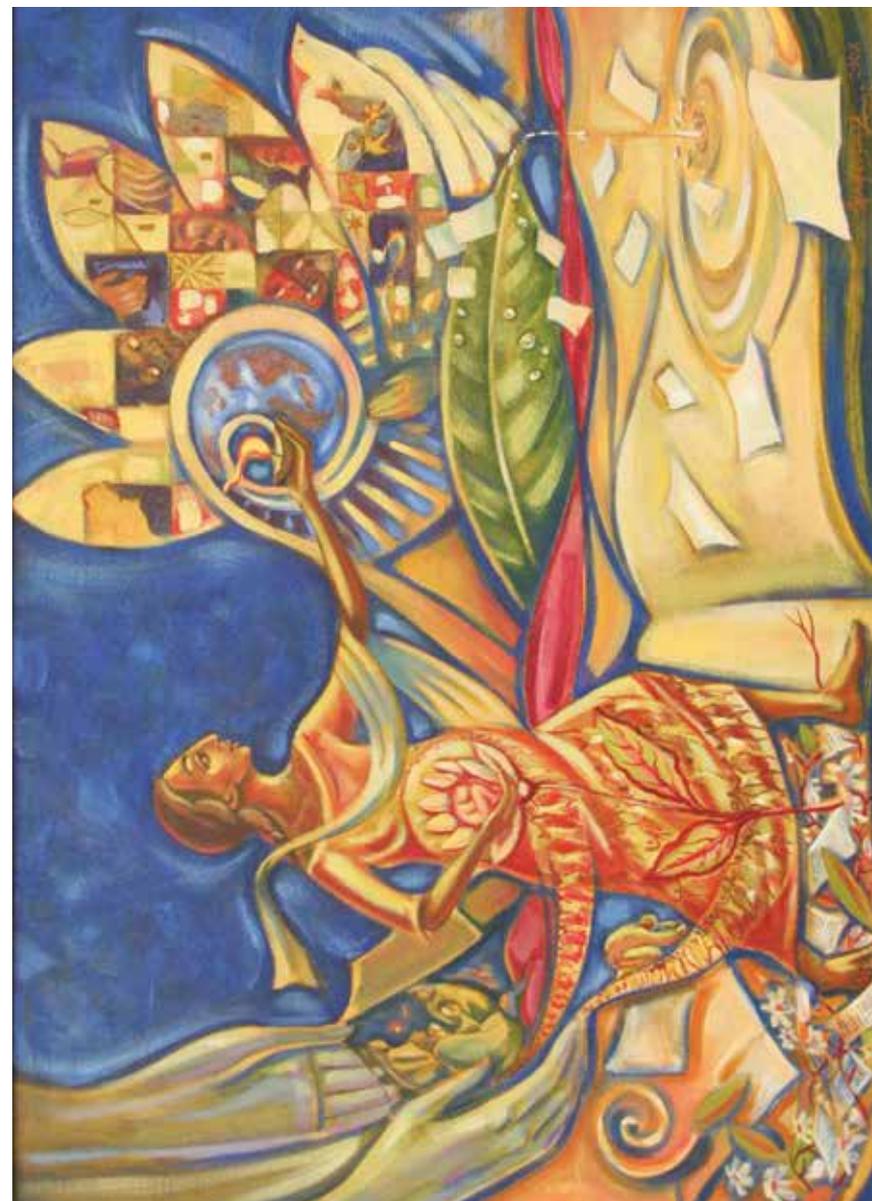
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- O desafio de cultivar o silêncio em meio à cultura do barulho
- “Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração” (cf. Os 2,16)
- A Vida Consagrada nos Institutos Seculares
- Pan-Amazônia: de “quintal” a “praça central do planeta”. Qual é nossa missão profética?

NOVEMBRO 2010 • XLIV • n.º 436

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

Esperando contra toda esperança..... 625

Palavra do Papa

Mensagem do Papa Bento XVI para o Dia Missionário Mundial 2010:
“A construção da comunhão eclesial é a chave da missão”..... 629

Artigos

O desafio de cultivar o silêncio em meio à cultura do barulho
ROGÉRIO GOMES..... 634

“Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração” (cf. Os 2,16)
NELSA CECHINEL..... 652

A Vida Consagrada nos Institutos Seculares
MOEMA R. MURICY 669

Pan-Amazônia: de “quintal” a “praça central do planeta”.
Qual é nossa missão profética?
FERNANDO LÓPEZ, LAURA VALTORTA, ARIZETE MIRANDA DINELLE..... 687



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Maria Juçara dos Santos, fdz
MTb 8105

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Maria Freire, icm
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tels.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

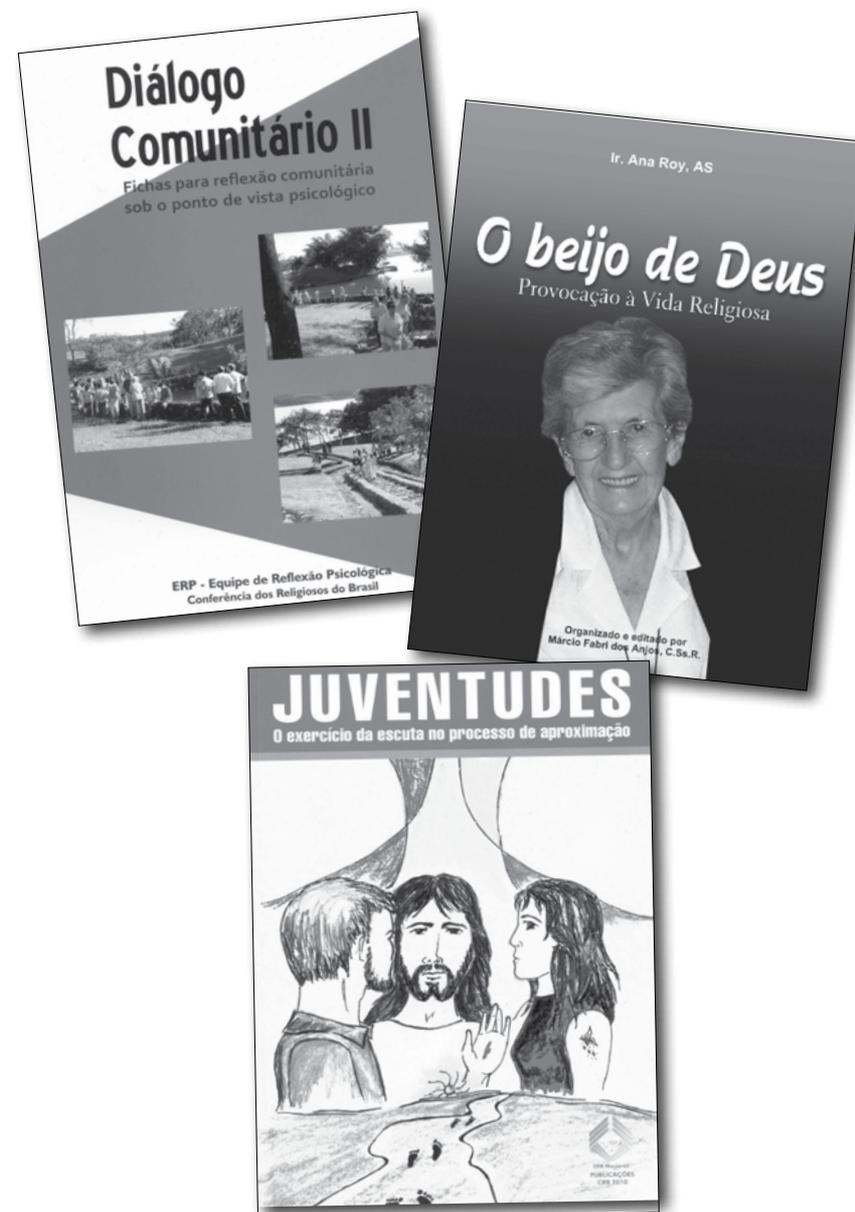
Revisão:
Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2010: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Publicações da CRB



Faça seu pedido:
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília – DF
E-mail: crb@nacional.org.br

Um dos maiores desafios da atualidade para as pessoas que se empenham, autenticamente, em viver e anunciar o Evangelho de Jesus é manter viva a chama da esperança. Quero destacar aqui não a esperança *ad extra*, relacionada ao que está além das nossas estruturas de Vida Religiosa, mas a esperança que nos move no interior dos nossos ambientes.

Falar e lutar em nome da esperança que os pobres têm em conseguir dias melhores, que os enfermos anseiam pela recuperação da saúde, que os sem-terra manifestam por um pedaço de chão, e por tantos outros, é muito mais fácil do que, “com os olhos fixos em Jesus”, colocar em prática o Evangelho como prioridade soberana a qualquer outra norma ou regra de autoria humana.

Os apelos, sobretudo os que nos chegam pela preservação da *vida*, nos impulsionam a criar estratégias e assumir empreendimentos na defesa dessa causa nobre. No entanto, a preocupação excessiva em *fazer* coisas pode sufocar e anular a necessidade que temos, embora muitas vezes não a sintamos, de *silenciar*, não no vazio, mas na contemplação, a absorção do jeito do Mestre Jesus.

Segundo Padre Rogério Gomes, cssr, no artigo “O desafio de cultivar o silêncio em meio à cultura do barulho”, diante das “realidades traumáticas e frustrantes” que enfrentamos “o silêncio se apresenta como elemento para captar e entrar em sintonia com Deus ou nos mostra os desertos, as noites escuras, as desolações”. Isso só será possível se privilegiarmos o tempo que se requer. O autor ressalta que a evolução tecnológica renova constantemente situações de

barulho que vão além do ruído externo. Em nossa preocupação por atuar em “favor do bem”, corremos o risco de, no afã de atender aos clamores que vêm de fora, não ouvir a nós mesmos. Padre Rogério nos apresenta quatro etapas através das quais experimentamos o silêncio, cujo objetivo maior é a “escuta amorosa de Deus”. No estilo de vida pelo qual optamos, essa experiência é feita no interior da pessoa que está comprometida com um grupo-comunidade. Se insistirmos em fazer nossas buscas apenas fora desse espaço tão nosso, significa que nossas esperanças já não motivam nossa comunhão sororal/fraterna.

Em Oseias, Javé faz a grande declaração: “Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração” (cf. Os 2,16). Irmã Nelsa Cechinel, fdz, nos ajuda a refletir: “Cultivar o encanto, a experiência do saber-se amada(o), eis o desafio! Daí, por consequência, será mais fácil encontrar saídas para o que parece, hoje e sempre, a maior dificuldade: as relações comunitárias, tantas vezes pouco fraternas”. Irmã Nelsa destaca que “há comunidades em que o clima é de desconfiança, disputa e busca de eficiência nem sempre favorável à eficácia, ao crescimento, à alegria, à paz, ao benquerer e ao testemunho do amor cristão”. Em meio ao nosso incessante *fazer*, precisamos dar atenção à voz daquele que nos convida: “Vinde sozinhos a um lugar deserto e descansai um pouco”.

“A experiência da busca e do encontro pessoal com Deus vivo é o que de mais precioso se tem para oferecer aos homens”, afirma Moema R. Muricy, em seu artigo “A Vida Consagrada nos Institutos Seculares”. Ao nos apresentar um relato sobre o histórico e a evolução dos Institutos Seculares na Igreja, Moema nos diz que “a Conferência dos Institutos Seculares da América Latina nasceu do desejo e da necessidade de favorecer a unidade e o serviço recíproco entre as Conferências presentes e operantes no continente, importante para a promoção da Vida Consagrada secular e uma presença incisiva na sociedade”. É interessante perceber que, com uma configuração distinta da Vida Religiosa Consagrada que vive em comunidade, a unidade e a comunhão

aparecem como molas responsáveis pelos impulsos e caminhos percorridos. Desde Paulo VI cresceu a organização dos Institutos Seculares, também se clarificando a sua missão específica. Dirigindo-se aos consagrados e consagradas dessa forma de vida, Bento XVI escreve:

Sede semente de santidade lançada em abundância nos sulcos da história [...] Radicados na ação gratuita e eficaz com que o Espírito Santo está guiando as vicissitudes humanas, possais dar frutos de fé genuína, escrevendo com a vossa vida e com o vosso testemunho parábolas de esperança.

Esperança! Novamente aparece essa ferramenta que dá sustentação aos projetos de bem que emanam da prática e dos ensinamentos de Jesus de Nazaré. Ao questionar sobre qual é a nossa missão profética na Pan-Amazônia, que de “quintal” foi promovida a “praça central do planeta”, os membros da Equipe Itinerante da Amazônia, que desde 1998 atuam em nosso “planeta verde”, nos presenteiam com um texto que nos coloca a par das grandes esperanças que lá borbulham, superando, “bolha a bolha”, os infindáveis obstáculos que tentam frear a vida, que teima em persistir. Dois pontos relevantes destacamos. O primeiro é de denúncia profética:

Qual é a imagem de Deus que nós, ocidentais, transmitimos aos povos indígenas da Pan-Amazônia? O empresário madeireiro ou petroleiro, o assentado e o agroindustrial – que depredam uma determinada região amazônica e exploram os povos tradicionais que nela vivem – são os “patrões bonzinhos” que constroem a capela, compram o santo, oferecem-lhe velas... são os primeiros que rezam, como anfitriões da festa patronal, doam uma vaca e umas caixas de cerveja para que todos possam comer e beber... E, algumas vezes, o vigário abençoa tudo isso...

O segundo ponto vem da Conferência de Aparecida como voz uníssona da Igreja latino-americana:

[...] Com muita frequência se subordina a preservação da natureza ao desenvolvimento econômico, com danos à biodiversidade, com o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, com a contaminação do ar e a mudança climática. [...] (*DAp*, n. 66).

Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas como se fossem uma mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências. [...] (*DAp*, n. 84).

As nossas reações à vilania imposta pelos sistemas que dizem a vida são eco autêntico do que assumimos como prolongamento de nossa configuração em Cristo desde nossas comunidades.

As palavras do Papa Bento XVI, em sua mensagem para o Dia Mundial das Missões 2010, arrematam bem o que sinalizamos aqui:

Numa sociedade multiétnica que experimenta cada vez mais formas preocupantes de solidão e de indiferença, os cristãos devem aprender a oferecer sinais de esperança e a tornar-se irmãos universais, cultivando os grandes ideais que transformam a história e, sem falsas ilusões nem medos inúteis, comprometer-se para fazer com que o planeta seja a casa de todos os povos.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

Mensagem do Papa Bento XVI para o Dia Missionário Mundial 2010

“A construção da comunhão eclesial é a chave da missão”

Prezados irmãos e irmãs!

Com a celebração do Dia Missionário Mundial, o mês de outubro oferece às Comunidades diocesanas e paróquias, aos Institutos de Vida Consagrada, aos Movimentos Eclesiais, a todo o Povo de Deus, a ocasião para renovar o compromisso de anunciar o Evangelho e dar às atividades pastorais um ímpeto missionário mais amplo. Este encontro anual convida-nos a viver intensamente os percursos litúrgicos e catequéticos, caritativos e culturais, mediante os quais Jesus Cristo nos convoca à mesa da sua Palavra e da Eucaristia, para saborear o dom da sua Presença, formar-nos na sua escola e viver cada vez mais conscientemente unidos a ele, Mestre e Senhor. É ele mesmo quem nos diz: “Aquele que me ama será amado por meu Pai: Eu amá-lo-ei e manifestar-me-ei a ele” (Jo 14,21). Só a partir deste encontro com o Amor de Deus, que muda a existência, podemos viver em comunhão com ele e entre nós, e oferecer aos irmãos um testemunho crível, explicando a razão da nossa esperança (cf. 1Pd 3,15). Uma fé adulta, capaz de se confiar totalmente a Deus com atitude filial, alimentada pela oração, pela meditação da Palavra de Deus e pelo estudo das verdades da fé, é uma condição para poder promover um novo humanismo, fundamentado no Evangelho de Jesus.

Além disso, em outubro, em muitos países retomam-se as várias atividades eclesiais depois da pausa de verão, e a Igreja convida-nos a aprender de Maria, mediante a oração do Santo Rosário, a contemplar o desígnio de amor do Pai sobre a humanidade, para a amar como ele a ama. Não é porventura este o sentido da missão?

Com efeito, o Pai chama-nos a ser filhos amados no seu Filho, o Amado, e a reconhecer-nos todos irmãos naquele que é Dom de Salvação para a humanidade dividida pela discórdia e pelo pecado, e Revelador do verdadeiro Rosto daquele Deus que “amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

“Queremos ver Jesus” (Jo 12,21) é o pedido que, no Evangelho de João, alguns gregos que chegaram a Jerusalém para a peregrinação pascal dirigem ao apóstolo Filipe. Ele ressoa também no nosso coração neste mês de outubro, que nos recorda como o compromisso do anúncio evangélico compete a toda a Igreja, “missionária por sua própria natureza” (*Ad Gentes*, n. 2), convidando-nos a tornarmo-nos promotores da novidade de vida, feita de relacionamentos autênticos, em comunidades fundadas no Evangelho. Numa sociedade multiétnica que experimenta cada vez mais formas preocupantes de solidão e de indiferença, os cristãos devem aprender a oferecer sinais de esperança e a tornar-se irmãos universais, cultivando os grandes ideais que transformam a história e, sem falsas ilusões nem medos inúteis, comprometer-se para fazer com que o planeta seja a casa de todos os povos.

Como os peregrinos gregos de há dois mil anos, também os homens do nosso tempo, talvez nem sempre conscientemente, pedem aos crentes não só que “falem” de Jesus, mas que “façam ver” Jesus, façam resplandecer o Rosto do Redentor em cada ângulo da Terra diante das gerações do novo milênio e sobretudo diante dos jovens de cada continente, destinatários privilegiados e agentes do anúncio evangélico. Eles devem sentir que os cristãos levam a Palavra de Cristo

porque ele é a Verdade, porque nele encontraram o sentido, a verdade para a sua vida.

Estas considerações remetem para o mandamento missionário que todos os batizados e a Igreja inteira receberam, mas que não se pode realizar de maneira crível sem uma profunda conversão pessoal, comunitária e pastoral. De fato, a consciência da chamada a anunciar o Evangelho estimula não só cada fiel individualmente, mas todas as Comunidades diocesanas e paroquiais a uma renovação integral e a abrir-se cada vez mais à cooperação missionária entre as Igrejas, para promover o anúncio do Evangelho no coração de cada pessoa, de cada povo, cultura, raça, nacionalidade, em todas as latitudes. Esta consciência alimenta-se através da obra de Sacerdotes *Fidei Donum*, de Consagrados, de Catequistas, de Leigos missionários, numa busca constante de promover a comunhão eclesial, de modo que também o fenômeno da “interculturalidade” possa integrar-se num modelo de unidade, no qual o Evangelho seja fermento de liberdade e de progresso, fonte de fraternidade, de humildade e de paz (cf. *Ad Gentes*, n. 8). De fato, a Igreja “é em Cristo como que sacramento, ou seja, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (*Lumen Gentium*, n. 1).

A comunhão eclesial nasce do encontro com o Filho de Deus, Jesus Cristo, que, no anúncio da Igreja, alcança os homens e cria comunhão com ele próprio e, por conseguinte, com o Pai e com o Espírito Santo (cf. 1Jo 1,3). Cristo estabelece a nova relação entre o homem e Deus.

É ele quem nos revela “que Deus é caridade” (1Jo 4,8) e, ao mesmo tempo, nos ensina que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o mandamento novo do amor. Assim, aos que creem no amor divino dá-lhes a certeza de que abrir o caminho do amor a todos os homens e instaurar a fraternidade universal não são coisas vãs (*Gaudium et Spes*, n. 38).

A Igreja torna-se “comunhão” a partir da Eucaristia, na qual Cristo, presente no pão e no vinho, com o seu sacrifício de amor edifica a Igreja como seu corpo, unindo-nos ao Deus uno e trino e entre nós (cf. 1Cor 10,16ss). Na exortação apostólica *Sacramentum Caritatis* escrevi: “não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar nele” (n. 84). Por esta razão a Eucaristia não é só fonte e ápice da vida da Igreja, mas também da sua missão: “Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária” (Ibid.), capaz de levar todos à comunhão com Deus, anunciando com convicção: “o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco” (1Jo 1,3).

Caríssimos, neste Dia Missionário Mundial no qual o olhar do coração se dilata sobre os imensos espaços da missão, sintamo-nos todos protagonistas do compromisso da Igreja de anunciar o Evangelho. O estímulo missionário foi sempre sinal de vitalidade para as nossas Igrejas (cf. carta encíclica *Redemptoris Missio*, n. 2) e a sua cooperação é testemunho singular de unidade, de fraternidade e de solidariedade, que nos torna críveis anunciadores do Amor que salva!

Por conseguinte, renovo a todos o convite à oração e, não obstante as dificuldades econômicas, ao compromisso da ajuda fraterna e concreta em apoio das jovens Igrejas. Este gesto de amor e de partilha, que o serviço precioso das Pontifícias Obras Missionárias, à qual manifesto a minha gratidão, providenciará a distribuição, apoiará a formação de sacerdotes, seminaristas e catequistas nas terras de missão mais distantes e encorajará as jovens comunidades eclesiais.

Na conclusão da mensagem anual para o Dia Missionário Mundial, desejo expressar, com particular afeto, o meu reconhecimento aos missionários e às missionárias, que testemunham nos lugares mais distantes e difíceis, muitas vezes com a vida, o advento do Reino de Deus. A eles, que representam as vanguardas do anúncio do Evangelho, vai

a amizade, a proximidade e o apoio de cada crente. “Deus (que) ama quem doa com alegria” (2Cor 9,7) os encha de fervor espiritual e de alegria profunda.

Como o “sim” de Maria, cada resposta generosa da Comunidade eclesial ao convite divino ao amor dos irmãos suscitará uma nova maternidade apostólica e eclesial (cf. Gl 4,4.19.26), que, deixando-se surpreender pelo mistério de Deus amor, o qual, “ao chegar a plenitude dos tempos, enviou o Seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4,4), dará confiança e audácia a novos apóstolos. Esta resposta tornará todos os crentes capazes de ser “jubilosos na esperança” (Rm 12,12) ao realizar o projeto de Deus, que deseja “que todo o gênero humano constitua um só Povo de Deus, se congregue num só Corpo de Cristo, e se edifique num só templo do Espírito Santo” (*Ad Gentes*, n. 7).

Vaticano, 6 de fevereiro de 2010.

BENTO XVI

O desafio de cultivar o silêncio em meio à cultura do barulho

ROGÉRIO GOMES, CSSR*

Introdução

Em um mundo dilacerado pelo barulho, discorrer sobre o silêncio pode ser perda de tempo, uma vez que o ser humano Pós-Moderno não tem muito interesse em cultivá-lo, porque, para uma grande maioria, é no barulho que está o prazer, visto que esse é indicativo de que vivemos numa civilização evoluída, tecnocrata, em que a técnica, apesar de produzir inúmeros efeitos positivos, também provoca efeitos contrários e faz com que cada vez mais o ser humano se torne saturado por vários elementos, tais como a poluição sonora, a audiovisual, a do ar, a degradação do meio ambiente e o surgimento de novas doenças.

Se há pessoas que idolatram o barulho, há outras que ficam desesperadas sem ele, pois não conseguem silenciar-se. Alguns poucos minutos e são tomadas pela ansiedade, pela angústia, pela dispersão, pela inquietação. Isto faz pensar se o barulho que se tem e se produz não é a manifestação de um ser humano que, interiormente, está mergulhado no cansaço do próprio ser e a tentativa é escapar, especialmente daquelas realidades traumáticas e frustrantes, talvez de um confronto com o próprio ser e existir. Em meio a esta realidade, o silêncio pode se apresentar como um caminho de cura, a partir de melhor compreensão dos acontecimentos da própria vida. Do ponto de vista espiritual, o silêncio se apresenta como elemento para captar e entrar em sintonia com Deus ou nos mostra os desertos, as noites escuras e as desolações. É um caminho pedagógico de encontrar-se a

* **Padre Rogério Gomes** é redentorista, professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP) e da Escola Dominicana de Teologia (EDT), mestre em Teologia Moral e Bioética pela Academia Alfonsiana de Roma, bacharel em Filosofia (PUC-Campinas) e Teologia (Instituto São Paulo de Estudos Superiores) e tem formação na área de Espiritualidade. **Endereço do autor:** Rua Oliveira Alves, 164, CEP 04210-060, Ipiranga, São Paulo-SP. E-mail: rogercssr@yahoo.com.br.

si mesmo e, no meio desse emaranhado complexo que é o nosso ser, perceber o Deus que se revela e que é *silêncio*.

Assim sendo, o objetivo deste texto é auxiliar no método de oração, qualquer que seja, principalmente a *Lectio Divina*, na experiência de Deus e da vida. O silêncio¹ é caminho de encontro consigo mesmo, com o outro e com Deus, daí a dificuldade que temos de fazê-lo.²

Em meio a tanto barulho...

Penso que o poema que se segue consegue colocar-nos na dinâmica da Pós-Modernidade:

Tudo é barulho ao meu redor!
 Agitação constante de pessoas que correm contra o tempo
 Sem tempo para si e para as outras.
 Não há tempo de dar o sorriso, de olhar nos olhos.
 Todos correm e vivem no anonimato sem nunca saber quem é o outro.
 Há barulho no céu, na terra, no ar e no interior das pessoas.
 Celebra-se a liturgia do barulho!
 Barulho que massifica e desmistifica o próprio homem,
 Fruto de um progresso que obriga o ser humano a não ter tempo para si.
 Diante do barulho quero paz, quero silêncio...

Procuro silenciar-me exteriormente e buscar um contato com meu interior.
 Impossível – os ruídos interferem tanto que não consigo nem me encontrar.
 Fecho os olhos – só vejo pessoas apavoradas a correr.
 Tento não escutar – ouço buzinas, sirenes.
 Tudo é barulho sem fim!

Quero um momento para um encontro com o Senhor.
 Diante desta convicção, continuo a caminhar.
 Lembro-me da minha força interior, do meu desejo.
 Decido-me a ir até o meu coração.
 Lá está o meu tesouro.
 Abro as portas do meu templo santo e entro.
 Nele habita o Espírito.

1. Recomendo: SCIADINI, Patrício. *Silêncio*. São Paulo: Loyola, 2000. Nele, há vários textos de diversos autores, bem como do próprio Frei Patrício, carmelita, que enfocam o silêncio sob prismas diferentes, mostrando a riqueza do mesmo. Também: GRÜN, Anselm. *As exigências do silêncio*. Petrópolis: Vozes, 2004. E o volume 2 da revista *Orar*, intitulado “Silêncio e oração”, edições Carmelitanas e Loyola, [s.d.].
 2. SCIADINI, Patrício. *Silêncio*, p. 11.

Fecho novamente os olhos e me silencio profundamente, apesar de todo o barulho ao meu redor.

Caminho como as demais pessoas, num silêncio interior ouvindo a voz do Espírito que habita em mim e nelas...

Nada me atormenta, sou como sou.

Preciso de um tempo para mim para que eu possa ouvir a voz de Deus.

É no silêncio de meu coração o lugar santo deste encontro.

Neste silêncio repousei no Senhor, tranquilo.³

O mundo cada dia revela surpresas para nós. As grandes descobertas que facilitam a vida das pessoas (embora poucas pessoas tenham acesso a esses recursos), tornando mais rápidas a comunicação, as viagens, a cura de doenças e uma série de benesses. O progresso científico e tecnológico é uma prova da capacidade inventiva e criativa do ser humano. Infelizmente, o progresso tecnológico não acompanhou o progresso humano e muitas invenções são utilizadas por aqueles que dominam a tecnologia com a finalidade de oprimir os mais fracos.

O avanço tecnológico trouxe consigo uma nova era, a do barulho. Nunca tivemos tanta poluição audiovisual como nos últimos tempos. Os grandes centros urbanos são a demonstração desse fato. Sem contar a poluição das nossas águas, das terras e de todo o planeta, que está definhando. As catástrofes ocorridas nas últimas décadas, o superaquecimento, o surgimento de novas doenças e a infertilidade do solo em algumas regiões são os reflexos da nossa falta de cuidado com o patrimônio que a nós foi concedido por gratuidade divina.

Se no passado, nas grandes catedrais, imperava o silêncio, ao som do canto gregoriano, hoje a realidade é outra. Na celebração cósmica do universo, estamos presenciando a liturgia do barulho. Esse barulho atinge a inteireza do ser humano. Isso provoca inquietação, estresse e depressão. Já não conseguimos parar diante de nosso semelhante e convidá-lo para um diálogo em que se deixe de lado as preocupações e em que se fale da vida que nasce, renasce e fenece. Não paramos para pensar na vida, talvez passemos

3. Texto de minha própria autoria, intitulado “Silêncio interior”. In: *Espiritualidade*; encontro consigo mesmo, com o outro e com Deus, p. 81. [texto apostilado.]

pelos dias, pela vida, e não nos deparamos com pessoas caídas ao nosso redor. Às vezes, esquecemo-nos de que os mendigos somos nós e o outro que está ao nosso lado clama por um pouco de atenção. Será que paramos para pensar na quantidade de mendigos além daquelas vítimas da exclusão social, os da falta de diálogo em nosso tempo? Há mendigos dentro de nossas Igrejas, na vida sacerdotal, religiosa, leiga, nas nossas famílias. O que estamos celebrando na nossa vida, qual o nosso culto? Temos dificuldade de nos silenciar, porque o silêncio da escuta nos questiona, nos compromete.

A dimensão provocativa do silêncio

A dimensão do silêncio é profunda! Tão profunda que assusta, amedronta e angustia. Esses fatores são oriundos dos questionamentos que ele impõe. Ele tem um poder de colocar-nos diante de nós mesmos e isso provoca o medo do confronto, visto que não nos conhecemos. “Temos medo da verdade que aparece no silêncio solitário da noite”, diz-nos Rubem Alves. Somos estranhos a nós mesmos, estrangeiros dentro do próprio ser. Ao silenciarmos, deixamos nosso próprio espírito falar e, às vezes, ele fala o que não queremos ouvir – não damos importância àquilo que nos assemelha ao próprio Deus e àquilo que de mais precioso possuímos.

Observando a experiência dos Padres do Deserto, homens sábios, de profunda intimidade com Deus, verifica-se o quanto eles cultivavam o silêncio. Quando interpelados pelos seus discípulos, ouviam-nos atenciosa e silenciosamente para depois darem a sentença. O Abade Isaías disse: “Prefere calar a falar, pois o silêncio entesoura e o falar dispersa”. O Abade Pastor proferia: “Quaisquer que sejam teus sofrimentos, a vitória sobre eles está no silêncio”.

Este pequeno trecho sobre o Abade Arsênio mostra-nos as características da espiritualidade do deserto: fugir, ficar em silêncio e rezar.

Enquanto ainda morava no palácio, o Aba Arsênio rezou a Deus com estas palavras: “Senhor, guiai-me no caminho da salvação”. E uma voz lhe disse: “Arsênio, foge para o deserto e serás salvo”. Depois de viajar em segredo de Roma a Alexandria e se retirar para a vida solitária (no deserto), Arsênio rezou de novo: “Senhor, guiai-me no caminho da salvação”, e de novo ouviu uma voz dizer: “Arsênio, foge, fica em silêncio, reza sempre, pois essas são as fontes da pureza”⁴.

Além de favorecer a dimensão orante, conforme o ensinamento dos Padres do Deserto, o silêncio provoca a totalidade de nosso ser e inquieta-o. Ele nos leva à nossa sexualidade, à nossa afetividade, por consequência ao nosso existir, ao nosso sentir, ao nosso prazer, à nossa dor, às nossas alegrias, às nossas tristezas, às nossas esperanças, aos nossos desejos e afetos, à “impressão digital” do nosso ser, isto é, aquilo que nos caracteriza como pessoas. Portanto, o silêncio nos tira de nós mesmos para podermos nos reencontrar.

Quando amamos alguém, contemplamos o ser do outro na mais profunda intimidade. Saímos de nós mesmos e ficamos extáticos, sem dizer uma palavra. Não precisa a palavra, bastam o olhar e o coração. E tudo atinge o pleno gozo: “O silêncio é a medida do amor. Só quem se ama sabe curtir o silêncio a dois”.⁵ Foi assim que os grandes místicos, como São João da Cruz, Santa Teresa d’Ávila, os Padres do Deserto e muitos outros (nos dias de hoje também, muitos outros o fazem), tiveram tal experiência, a do profundo êxtase. Quando atingiram esse estágio, alcançaram o mais alto grau da contemplação, que se deve não a um fato miraculoso, mas porque no silêncio profundo buscaram encontrar a si próprios e atingiram tal prodígio, podendo contemplar a maravilha do próprio Deus. Na profunda descoberta de si, descobriram-se como criaturas amadas pelo Criador e, ao se sentirem profundamente alegres, deu-se o êxtase. Somente assim torna-se possível rezar com o salmista: Senhor, tu me examinas e me conheces, sabes quando me sento e quando me levanto. Penetras de longe meus pensamentos [...]

4. WARD, Benedicta. Trad. para o inglês: *The Sayings of the Desert Fathers*. London/Oxford: Mowbrays, 1975. p. 8. Apud NOWEN, Henri J. M. *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo; o caminho do coração*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 13.

5. FREI BETTO. *O silêncio. O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 jul. 1997, p. A2.

Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração, prova-me e conhece meus sentimentos; (Sl 139 [138],1-2.23).

As quatro etapas do silêncio

Para a compreensão do silêncio dentro de uma mística profunda, devemos procurar entender e percorrer um caminho para chegarmos à união e à intimidade com Deus. Trata-se das quatro dimensões do silêncio que nos conduzem ao mais profundo relacionamento com Deus. Sem grande ousadia, é o silêncio que nos permite contemplar o interior de Deus. Assim, avancemos neste nosso empreendimento.

O silêncio kenótico

O silêncio *kenótico* é a primeira manifestação profunda do silêncio. É o momento em que suspendemos todos os nossos juízos, pensamentos e preocupações. Em outras palavras, é quando mergulhamos em nosso interior e deixamos a nossa casa limpa, pronta para receber o ilustre visitante, Deus. No silêncio *kenótico*, perguntamos: de que quero me esvaziar?

Ora, se o silêncio *kenótico* nos leva às nossas profundezas interiores, logo nos coloca frente a frente com nós mesmos, permitindo-nos introduzir no mistério orante de Cristo, porque abre os canais da graça, possibilitando-nos auscultar as sutilezas que Deus nos reserva e contemplar com profundidade a realidade que nos cerca.

Kénosis significa despojar-se de si mesmo, desapegar-se do próprio “eu” das nossas seguranças. Não é um desapegar desprezível, mas o de um profundo desejo de deixar a ação de Deus penetrar na profundidade de nossas ações. Esse despojar de si é como a argila que aos poucos vai se modelando nas mãos do oleiro. Assim somos nós nas mãos do Eterno Oleiro! Na verdade, a *kénosis* não nos esvazia de nada, a não ser de nossas amarras interiores. Se assim o fazemos, ela é libertação das prisões que nós mesmos criamos, que se tornam fortalezas que nos escondem do amor profundo de Deus. Bernhard Häring nos diz: *A kénosis* só aparentemente é que é esvaziamento. Na realidade, ela é todo um

empenhamento para dar lugar à riqueza do poder da graça de Deus, a fim de nos tornarmos imunes contra as ciladas do orgulho.⁶

O mistério da *kénosis* nos ajuda a compreender o processo redentor de Jesus Cristo: sua encarnação, sua vida, sua missão, sua morte e ressurreição. A vida de Cristo foi uma *kénosis* perene. O ápice dela, no alto da cruz, ao dizer: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Na verdade, naquele momento culminava e se corroborava sua entrega oblativa à humanidade e ao Pai, de onde viera. Para isso, esvaziou-se de si, precisando morrer, aniquilar-se (Fl 2,1-11). Desse modo, a compreensão da ressurreição só é possível pelo mistério da *kénosis*. A morte é um processo *kenótico* que nos permite a ressurreição. Portanto, o silêncio *kenótico* é uma profunda experiência de amor. Somente ama quem sabe perder, dar-se ao outro incomensuravelmente. É isso que nos exige o silêncio *kenótico*: dar-se a si mesmo, ao outro e a Deus, sem reservas.

O silêncio *kenótico* nos convida a uma perda amorosa que nos vai possibilitar perder tudo para ganhar a nós mesmos, o outro e a Cristo. Não estamos lidando aqui com a categoria de perfeição, mas com aquilo que é possível à realidade humana. Superar os obstáculos do preconceito, da exclusão, da falta de diálogo, da falta de solidariedade é caminho possível ao ser humano. É necessário ter muita disposição interior!

O silêncio ontológico

O silêncio ontológico nos conduz às fundações do nosso ser, à nossa habitação interior, aos resgates da dimensão sacral que há em nós e do sopro divino, que, muitas vezes, esquecemos no decorrer de nossa vida. Ajuda-nos a refletir que não somos anjos, nem demônios, somos puramente humanos e temos virtudes e ambiguidades. E ser humano significa dialogar com uma interioridade, com um *eu interior*, com a história pessoal e com uma realidade que a cerca, existente num tempo e num espaço. Esse é o momento em que nos vemos frente a frente com nós mesmos, nus, desarmados de nossas verdades absolutas, arcaicas, colocando-nos

6. HÄRING, Bernhard. A *kénosis*: ganhar, perdendo. In: *Vida em Cristo plenificada*. Aparecida/Porto: Santuário/Editorial Perpétuo Socorro, 1998. p. 138.

em profunda crise de questionamentos que nos provoca uma catarse. O silêncio ontológico, na sua profundidade, conduz-nos ao abismo existencial de nosso ser para enchê-lo de significado e avançar para águas mais profundas do mar de nossa existência.

Isso significa atitude dialética. O silêncio ontológico leva-nos ao diálogo com a palavra do próprio ser e com o ser da própria palavra. Significa que o nosso ser emite uma palavra sobre si mesmo, porque é verbo e essa palavra possui dimensão qualitativa, o que significa que ele se abre para a verdade que se vai revelando no processo catártico. É quando mergulhamos no nosso próprio ser – encontrando a nossa originalidade –, dialogando com o próprio eu.

Aqui é o momento em que passamos das coisas exteriores que há em nós e mergulhamos na história pessoal, na nossa constituição bio-físico-psicológica, nos valores pessoais e culturais, permitindo o resgate do nosso ser. Nesta etapa, a questão central é: quem sou eu? O silêncio ontológico nos proporciona entrar em contato com o nosso passado, reconciliarmo-nos com ele e entrar em profunda comunhão com o nosso ser. Possibilita-nos recomeçar, dando-nos a esperança que nos conduz à perfeição. Depois de entrar em contato com o *eu profundo*, o silêncio se encarregará de nos levar ao mistério.

O silêncio mistagógico

Estamos na terceira dimensão do silêncio, que denominamos *mistagógico*. Ele nos colocará diante do mistério, do inefável, da realidade que provocará em nós, seres humanos, o supremo desejo e a grande pequenez. Originalmente, a palavra mistagogia estava ligada aos ritos e aos mitos pagãos. Posteriormente, passou a designar o conhecimento de Deus através do mistério. Além disso, é o ato de iniciar e instruir alguém às coisas misteriosas de uma religião, rito ou culto.

O silêncio mistagógico é revelador da transcendência e da imanência, isto é, da realidade teândrica. Deus é mistério, o humano também o é. Estamos, portanto, diante de duas realidades mistéricas, a divina e a humana, cada qual com suas características. Entretanto, é na dimensão silenciosa que o ser humano vai buscar a sua transcendência, na imanência do Criador, ao mesmo tempo que a imanência na transcendência do Criador. Exatamente aí está o mistério, porque ultrapassa a lógica humana. Todavia, apesar do limite dessa lógica, o mistério prescinde dela. A lógica é importante, mas o mistério é experiencial e se encontra na dimensão da sensibilidade e da abertura e, conseqüentemente, da sabedoria.

Nesse sentido, o silêncio mistagógico é a via que conduz ao mistério para que se possa fazer a experiência dele. É como um poço profundo: quando olhamos, não podemos perceber a água, mas, se adentramos no próprio poço, se descemos à sua profundidade, rompendo a escuridão, conseguimos atingir a água que lá se encontra.

O silêncio mistagógico convoca o ser humano a se descobrir e a perceber que é profundamente mistério. Somente quem se compreende como mistério é capaz de revelar o transcendente e o imanente que tem dentro de si. Quem faz a experiência do silêncio mistagógico contempla a *beleza interior* e se revela com *beleza* para o mundo. O silêncio mistagógico faz o ser humano surpreender-se e extasiar-se por ser humano e assumir para si todos os limites do ser, não fazendo disso pretexto para ocultamento de si, mas para penetrar no mistério que está além de si.

Quando uma pessoa se torna capaz de silenciar diante de uma obra de arte ou de uma flor, indo além das suas aparências, buscando o seu mistério, consegue fazer a experiência do silêncio mistagógico. É transpor a realidade apresentada, conseguindo captar a beleza que está oculta nela. É perceber, ao olhar o quadro, o Criador nele, Criador que se fez presente nas mãos de quem o fez, independente de convicções religiosas. É perceber na flor o mistério da criação

que se revela e o Ser Criador que se revela na bondade e na beleza de suas criaturas.

Leonardo Boff afirma:

Mistério, portanto, não constitui uma realidade que se opõe ao conhecimento. Pertence ao mistério ser conhecido. Mas pertence também ao mistério continuar mistério no conhecimento. Aqui está o paradoxo do mistério. Ele não é o limite da razão. Ao contrário. É o ilimitado da razão. Por mais que conheçamos uma realidade, jamais se esgota nossa capacidade de conhecê-la mais e melhor. Sempre podemos conhecê-la mais e mais indefinidamente.⁷

Portanto, o ser humano experimenta Deus pelo mistério, pois jamais pode defini-lo.

O silêncio mistagógico nos conduz a uma profunda experiência do mistério e a uma espiritualidade mistagógica. “A espiritualidade dos primeiros monges é mistagógica, ou seja, ela conduz para dentro do mistério de Deus e do homem.”⁸ Deus é, para nós, seres humanos, o grande Mistério! E nós, seres humanos, também somos mistério! Entretanto, nós fazemos e podemos fazer a experiência do mistério quando tudo parece impossível. Não podemos limitar a presença e a manifestação de Deus, pois ele é intransponível em face do mistério de si mesmo, numa dinâmica que se revela ao longo da existência humana, no *kairós*.

Não conseguimos ver Deus, fazer a experiência palpável, mas podemos ler através da história e da nossa história pessoal e da natureza as pegadas dele. Um exemplo disso é São Francisco, que soube ler tais sinais. O silêncio mistagógico nos incita a perscrutar o Mistério de Deus, numa atitude de fé que nos permite sempre querer experimentar aquele que é a nossa razão de ser. Suscita em nós a experiência do amor autêntico perante aquele que nos criou. Assim, quanto mais o amamos, mais o conhecemos! Nesse grau, conseguimos perscrutar, além do mistério que é Deus, o mistério que somos nós mesmos. Somos transcendência-imanência, numa profunda relação entre o *fascinium* e o *tremendum*, que jamais

7. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização e espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993. p. 145.

8. GRÜN, Anselm. *O céu começa em você*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 13.

conseguiremos transcrever em palavras, mas que fazemos por intermédio da nossa entrega a Deus. Só não faz a experiência de Deus o ser humano que se fecha a todos os canais da graça. Deus, como é plena liberdade, respeita a vontade humana, mas, como é Senhor do tempo e da história e é profundo amor, aguarda ansiosamente o retorno daquele filho pródigo.

Nesta etapa do caminho espiritual conseguimos vislumbrar para além de nós mesmos e dar o salto qualitativo da fé. Conforme nos diz São Paulo, “a fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração de realidades que não se veem” (Hb 11,1).

Assim, o silêncio mistagógico nos dá intimidade diante do mistério. Não o mistério indecifrável, mas aquele que nossa mente e coração não conseguem abarcar, por limitação de nosso ser. O certo é que fazemos a experiência de Deus à medida que nos entregamos a ele. Para esse encontro, nosso convite se chama abertura!

O silêncio teofânico

Por último, o *silêncio teofânico*, aquele em que, no profundo esvaziamento do ser, se encontra o mistério e se deixa a voz de Deus falar. Ele nos faz indagar: quem é Deus para mim? Como se manifesta na minha existência? Essa atitude dialógica faz com que encontremos o mistério e o escutemos. O silêncio teofânico é nosso calar diante da grandeza de Deus e de todos os seus atributos e perceber que tudo aquilo que criou é parte de sua grandeza, portanto nós o somos de maneira predileta. Conforme canta o salmista, ele nos fez pouco menos do que ele próprio, coroando-nos de glória e de beleza (cf. Sl 8,6). É o momento da contemplação profunda!

A teofania é a revelação ou manifestação da glória de Deus ao ser humano. Nas Escrituras, temos algumas teofanias, como, por exemplo, a experiência de Abraão (Gn 18), de Isaac (Gn 26,2), de Jacó (Gn 32,25-31; 35,9), de Moisés: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3). Esses eventos demonstram a maneira como Deus se revelou aos patriarcas.

Em termos do Novo Testamento, as grandes teofanias de Deus ocorrem em Jesus Cristo, na sua encarnação (Lc 2,1-2; Jo 1,14-18), no seu batismo e preparação para a missão (Mt 3,13-17; 4,1-17), na sua transfiguração no monte Tabor (Mt 17,1-8), na sua ressurreição (Mt 28,1-7) e ascensão ao céu (At 1,3-11). Essa pequena retomada nos ajudará na compreensão do que denominamos silêncio teofânico, aquele que nos possibilita ouvir a voz de Deus. Somente quem tem ouvidos e coração atentos é capaz de escutar. É ele que permite o encontro de Deus que se torna infinitamente pequeno e encarna em nossa realidade, envolvendo-nos do mais profundo amor. É a manifestação do transcendente que envolve o imanente e que faz, como diria Pascal, a experiência do infinitamente grande e do infinitamente pequeno. Conforme São João da Cruz, é o momento em que, chegando ao estado da união divina, a alma goza de grande sossego em suas potências naturais e tem adormecidos os seus ímpetos e ânsias sensíveis na parte espiritual.⁹ Assim, mediante o Deus que se manifesta, a alma purificada faz a íntima experiência do amor, da profunda consolação e da íntima presença.

Esse estágio é de uma mística profunda. Aqui, nosso ser é invadido aos poucos e começamos a sentir o sabor do silêncio. Cessam-se todas as vozes de nossos desvarios interiores e queremos ficar a sós, em comunhão com o Eterno que nos fala com a voz do próprio silêncio que envolve nosso ser desde as nossas vísceras. Nesse grau, ouvimos o diálogo amoroso de Deus conosco.

Silêncio: escuta amorosa de Deus

O silêncio nos conduz à escuta amorosa de Deus. Escutar/ouvir supõe atitude discipular, obediente. O discipulado do silêncio conduz ao serviço caritativo que vai ao encontro do outro e o acolhe tal como ele é, e escuta a Deus, que também fala através do outro. O grande exemplo é o de Maria (Lc 1,29-45), que ouviu o anúncio do anjo, pôs-se a pensar sobre o significado da saudação e partiu para visitar Isabel.

9. JOÃO DA CRUZ. *Subida ao monte Carmelo*. 4. ed. Aveiro: Edições Carmelo, 1977. Livro I, cap. I, p. 18.

A Sagrada Escritura está cheia de textos que se referem à escuta humana de Deus. Para o israelita, ouvir tem implicações profundas em sua vida, em seu agir ético-espiritual. Em poucas palavras, podemos afirmar que os israelitas foram o povo da escuta de Deus, e quando não o fizeram sofreram consequências desastrosas em suas vidas. Para escutar é necessário calar, silenciar, abrir os ouvidos e se pôr atentamente à escuta de quem fala. Como escutar Deus se nós não o vemos? Um diálogo supõe dois interlocutores, um que fala e outro que ouve. No entanto, Deus nos fala e nós não o vemos... Assim, sem a escuta amorosa Deus será o eternamente desconhecido, somente nos provocará temor, jamais seremos capazes de estabelecer com ele diálogo recíproco. Ele é o nosso interlocutor silencioso e nos interpela com a voz do silêncio... Deus é dialogante e dialogável, basta querermos auscultá-lo!

A atitude de ouvir não é fácil, principalmente quando se trata de pessoas que nos dizem coisas que não estamos a fim de escutar. Ouvir os amigos é fácil, ouvir estranhos com seus problemas requer ascese. Todavia, se quisermos fazer uma profunda experiência de Deus, é necessário ouvir e adquirir para si a atitude do escritor bíblico quando conclama:

Ouve, Israel! O SENHOR nosso Deus é o único Senhor. Amarás o SENHOR teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. E trará gravadas no teu coração todas estas palavras que hoje te ordeno. Tu as repetirás com insistência a teus filhos e delas falarás quando estiveres sentado em casa ou andando a caminho, quando te deitares ou te levatares. Tu as prenderás como sinal à tua mão e as colocarás como faixa entre os olhos; tu as escreverás nas entradas da tua casa e nos portões da tua cidade (Dt 6,4-9).

Indubitavelmente, esses versículos nos fornecem elementos preciosíssimos que nos ajudam a refletir sobre a escuta amorosa a Deus. O *Shemá* é um imperativo que revela uma convocação, a confissão da fé israelita na unicidade de Iahweh: um só é libertador e por causa da sua ação

libertadora no mundo deve ser lembrado incessantemente e amado de geração em geração, pois seus feitos marcaram intensamente a vivência do povo. Evoca a profundidade do ouvir inefável. Trata-se de ouvir profundamente, auscultar, prestar atenção, dar ouvidos compreender, acolher, entender, examinar, discernir, tornar-se obediente, consentir. É colocar em prática aquilo que se ouviu conjugado à vida, de tal forma que aquele que escutou anuncia, proclama e convoca os outros a fazerem a experiência do Deus único.

A implicação dessa escuta é o amor. Essa escuta profunda é feita *de cor* (*cor, cordis* = aprender *de cor* é aprender com o coração, conforme a etimologia latina!), com o *leb* (= coração), local do conhecimento, do pensamento, da índole, da vontade, da memória. É onde está o centro das decisões humanas, onde o ser humano é aquilo que é. É o local da consciência.

Somente quem faz a experiência de ouvir o outro é capaz de amá-lo na sua totalidade, de todo o coração. Amar de todo o coração é dar-se por gratuidade, sem reservas, de coração a coração e sentir a experiência da alegria, do medo, da coragem, do descontentamento, do sofrimento, do desejo, da tristeza, e é onde se faz a experiência da palavra *perene* (Dt 6,6). Amar de todo o coração implica ir ao centro das nossas decisões e da gênese de nossas intenções e fazer a experiência do amor Absoluto, Deus, com toda a *nefesh* (v. 5), que pode ser traduzida por vida, alma, apetite, garganta, e a respiração, que possibilita ao homem viver. É a criatura com toda a vida, com toda a animosidade do ser, com seus apetites e desejos, com seu ser e existência, com as misérias humanas. É a experiência da indignação que deseja em Deus extraordinariamente com todas as forças.

Silêncio e presença de Deus

Se o silêncio é uma escuta amorosa, ele nos faz entrar na intimidade de nosso ser, dentro de nosso templo interior, e perceber Deus que vem chegando vagarosamente dentro

deste santuário que ele próprio criou para contemplar a sua maravilhosa obra. É lá na profundidade que Criador e criatura se contemplam, que se capta a experiência profunda do amor de Deus que chega e envolve plenamente o humano em sua totalidade. Tagore nos ajuda a meditar sobre o silêncio enquanto presença:

Se não falas,
Encherei meu coração com teu silêncio
E o guardarei comigo.
E quieto esperarei,
Como a noite em seu desvelo estrelado,
Com a cabeça pacientemente inclinada.

A manhã virá sem dúvida
E a sombra se desvanecerá.

Tua voz há de derramar-se
Por todo o céu
Em arroyos de ouro.
E tuas palavras voarão
Cantando
De cada um de meus ninhos.
E tuas melodias desabrocharão em flores
Por minhas profusas ramarias.¹⁰

Santo Agostinho, no século IV, mostra a importância de se deixar um espaço à meditação e ao silêncio. Para isso, a necessidade de se recolher, isolar-se de todo ruído, mergulhar na intimidade da alma, deixando de lado o barulho e a confusão, escutar com sossego a palavra para entendê-la.¹¹ Para ele, o silêncio é caminho para se chegar à interioridade, captar a voz da verdade e entendê-la.

Só obtemos o verdadeiro silêncio quando ouvimos o bater do próprio coração e, em meio ao barulho, o próprio caminhar. O silêncio atinge e penetra o coração humano e é aí que está a nossa interioridade, lugar onde somos o que somos. Nele estão contidas duas dimensões – oração e ação.

10. TAGORE, Rabindranath. Apud ALMEIDA, João Carlos (Padre Joãozinho). *Cantar em Espírito e verdade. Orientações para ministério de música*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1990. p. 6

11. AGOSTINHO, Santo. Sermões 52, 22. In: *Obras de San Agustín*. Madri: BAC, 1950. t. VII, Sermones, p. 73..

O silêncio orante nos coloca em profunda comunhão com a Trindade que nos impulsiona à ação.

Esta pequena parábola nos ajuda a compreender isso:

Um rei mandou seu filho estudar no templo de um grande mestre com o objetivo de prepará-lo para ser uma grande pessoa. Quando o príncipe chegou ao templo, o mestre o mandou sozinho para uma floresta. Ele deveria voltar um ano depois, com a tarefa de descrever todos os sons da floresta. Quando o príncipe retornou ao templo, após um ano, o mestre lhe pediu para descrever todos os sons que conseguira ouvir. Então disse o príncipe: “Mestre, pude ouvir o canto dos pássaros, o barulho das folhas, o alvoroço dos beija-flores, a brisa batendo na grama, o zumbido das abelhas, o barulho do vento cortando os céus...”. Terminado o seu relato, o mestre pediu ao príncipe que retornasse à floresta, para ouvir tudo o mais que lhe fosse possível. Apesar de intrigado, o príncipe obedeceu à ordem do mestre, pensando: “Não entendo, já distingi todos os sons da floresta...”.

Por dias e noites ficou sozinho ouvindo, ouvindo, ouvindo... Mas não conseguiu distinguir nada de novo além daquilo que havia dito ao mestre. Entretanto, certa manhã, começou a distinguir sons vagos, diferentes de tudo o que ouvira antes. E quanto mais prestava atenção, mais claros os sons se tornavam. Uma sensação de encantamento tomou conta do rapaz. Pensou: “Esses devem ser os sons que o mestre queria que eu ouvisse...”. E, sem pressa, ficou ali ouvindo e ouvindo pacientemente. Queria ter certeza de que estava no caminho certo. Quando retornou ao templo, o mestre lhe perguntou o que mais conseguira ouvir. Paciente e respeitosamente o príncipe disse: “Mestre, quando prestei atenção, pude ouvir o inaudível som das flores se abrindo, o som do sol nascendo e aquecendo a terra e o som da grama bebendo o orvalho das noites...”. O mestre, sorrindo, acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e disse-lhe: “Ouvir o inaudível é ter calma necessária para se tornar uma grande pessoa. Apenas quando se aprende a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos mudos, seus medos não confessados e suas queixas silenciosas, uma pessoa pode inspirar confiança ao seu

redor, entender o que está errado e atender as reais necessidades de cada um. *A morte do espírito começa quando as pessoas ouvem apenas as palavras pronunciadas pela boca, sem atentarem no que vai no interior das pessoas para ouvir seus sentimentos, desejos e opiniões reais. É preciso, portanto, ouvir o lado inaudível das coisas, o lado não mensurado, mas que tem o seu valor, pois é o lado mais importante do ser humano!*¹² (grifo nosso).

O silêncio é tão precioso para o ser humano e para a natureza que são necessários períodos de paradas. Quando a semente é germinada, está silenciosa, da mesma forma como quando estávamos no ventre de nossa mãe... Nosso repouso diário, nosso sono, é o silêncio que nos recompõe.

Um tesouro que não se deve perder...

O silêncio nos ajuda, no processo de integração pessoal, a compreender as nossas luzes e as nossas sombras e a conviver harmoniosamente com elas. O silêncio provoca sensibilidade e, na hora certa, dá respostas às inquietações pessoais.

O silêncio é claramente uma disciplina necessária em muitas situações diferentes: no ensino e no aprendizado, na pregação e no culto, nas visitas e no aconselhamento [...] pode ser considerada uma cela portátil trazida conosco do lugar solitário para o meio de nosso ministério. O silêncio é a solidão praticada em ação.¹³

A ausência do silêncio nos faz perder a sensibilidade! Não devemos nos esquecer em nossas orações pessoais e comunitárias de que os momentos de silêncio são importantes para a interiorização. Muitas vezes fazemos de nossas orações pessoais e comunitárias verdadeiros discursos. Queremos colocar tudo o que sabemos e o que menos fazemos é orar. Não deixamos o Espírito falar, saturamos com a nossa razão discursiva o coração afetuoso que quer saborear o silêncio emanado pelo sopro do Espírito. O silêncio possibilita auscultar o Espírito de Deus que fala e convida a voltar

12. *Os sons do silêncio*. Este texto chegou ao meu conhecimento, mas não foi possível identificar o autor. No entanto, pela sua densidade, tomo a liberdade de citá-lo.

13. NOUWEN, *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo*;..., p. 40.

às fundações de nosso ser, revê-las, e lançar na dimensão da criatividade e de uma vida nova.

O silêncio nos leva à comunhão contemplativa com todo o universo, a sentir que fazemos parte dele e, ao mesmo tempo, a contemplá-lo como obra do Criador. Permite criar uma consciência reflexiva e ecológica, despertar para a beleza emanada do cosmo, percebê-lo como a grande casa que abriga o ser humano e o sustenta para poder desenvolver suas potencialidades.

Há quem se desespere porque não consegue silenciar-se. De fato, é um caminho lento e árduo, de constante exercício e abertura ao Espírito. Há também quem consegue silenciar-se profundamente em meio ao barulho. Uma pessoa consegue entrar em alto grau de meditação na medida do seu grau de intimidade com Deus. E se quer, de fato, rezar, deve calar-se. Rubem Alves afirma: “Amamos uma pessoa pelas palavras que a ouvimos dizer, por vezes, em silêncio”. Portanto, a grande palavra, o Verbo quer nos enamorar, falar-nos, devemos ouvi-lo. Eis aí um caminho para a mística. O silêncio ajuda a experimentar Deus. A experiência de Deus torna-nos humildes e ricos, porque ele inunda o nosso ser. É como se fôssemos um pequeno rio que se conflui no oceano. Deus é força que nos arrebatava e invade. Quando isso acontece, passamos por uma experiência profundamente mística e, muitas vezes, esta acontece no silêncio, e nós nem sempre a percebemos.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que coisas dificultam a minha experiência de silenciar-me? Quais os meus conflitos? Quais luzes podem surgir desta experiência?
2. Como é o cultivo do silêncio na sua experiência oracional pessoal e comunitária?
3. Que novidades o cultivo do silêncio pode trazer à Vida Religiosa?

“Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração” (cf. Os 2,16)

* **Irmã Nelsa**

Cechinel é religiosa do Instituto das Filhas do Divino Zelo, formada em Pedagogia e Teologia. Tendo concluído o mestrado em Teologia Sistemática pela PUC-Rio, publicou sua dissertação com o título *Zelo como ternura*. Sua maior atuação tem sido na área educativa e na formação inicial para a Vida Religiosa da Província Nossa Senhora do Rogate, à qual pertence. Atualmente, vive numa comunidade inserida no Plan 3000, Ciudadela Andrés Ibañez, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia.
E-mail: nelsafdz@yahoo.com.br

1. Cf. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

2. Cf. *Vita Consecrata*. São Paulo: Loyola, 1996. n. 5, 17, 19, 82, 84-85. *Documento de Aparecida*, n. 220.

3. Cf. *A vida fraterna em comunidade*.

NELSA CECHINEL, FDZ*

A provocação bíblica que nos acompanha nesta sucinta reflexão sobre a Vida Religiosa Consagrada é a experiência de Oseias, que lê a passagem do Senhor em sua vida a partir do encantamento diante da mulher amada, a decepção com sua humanidade decaída e a teimosia em acreditar nela. Assim, num dado momento o autor bíblico decide: “Conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração”.¹ Parece que nós, consagradas (os) na Vida Religiosa dos dias atuais, necessitamos voltar à experiência dos “bem-amados”.

Não parece que a Vida Religiosa necessite entregar-se muito mais ao afã do fazer, do resolver, porque este tem sido um empenho constante ao longo dos tempos, com sensível dedicação aos pequenos e para além-fronteiras também nos últimos tempos.² Cultivar o encanto, a experiência do saber-se amada(o), eis o desafio! Daí, por consequência, será mais fácil encontrar saídas para o que parece, hoje e sempre, a maior dificuldade: as relações comunitárias, tantas vezes pouco fraternas.³

Construindo comunidade

Quando se pergunta pela busca fundamental da existência humana, uma das respostas mais profundas e frequentes é a de que o ser humano quer ser feliz. No entanto, nem sempre isso se revela nas comunidades. Há comunidades religiosas cujos membros se relacionam bem, vivem na busca de um projeto comum. Existe uma diversidade de pontos de vista, de mentalidades e culturas, mas as pessoas são capazes de

dialogar, de expor com liberdade os seus pensamentos, são capazes de discordar, de enfrentar conflitos e, ao mesmo tempo, são capazes de acolherem-se mutuamente, fazendo a paz, retomando o caminho, porque há um cultivo pessoal e um envolvimento comum no trabalho e na missão, com um sentido de pertença e compromisso em vista do projeto maior: o *Reino* de Deus no meio de nós. É ele que dá sustentação e alegria ao grupo e isto é percebido dentro e fora da comunidade.⁴

Por outro lado, há comunidades em que o clima é de desconfiança, disputa e busca de eficiência nem sempre favorável à eficácia, ao crescimento, à alegria, à paz, ao benquerer e ao testemunho do amor cristão. Uma das causas, a meu ver, pode ser o fato de, como pessoas, não conseguirmos nos entender do ponto de vista humano-afetivo-espiritual nem entender os outros, e de não conseguirmos buscar ou aceitar ajuda. Penso que, neste caso, os conflitos pessoais extravasam e se confundem com os conflitos e/ou necessidades dos demais membros. Nessas circunstâncias, a Casa se torna um local nada agradável de viver. Daí, a vida fraterna em comunidade, *signal e promessa do Reino*, vira uma experiência nada atraente e uma proposta, um convite – “Vinde e vede!” – que não dá para se fazer a outros(as).⁵ Por tudo isso, certamente, ficam comprometidos os frutos na missão.⁶

Muitas vezes o equilíbrio de uma comunidade oscila de acordo com a presença de uma liderança positiva ou negativa nela existente. Essa liderança pode vir da autoridade constituída ou não. Há pessoas (todas elas, sempre em processo de maturação) que são artistas em ajudar na construção de relações humanizadoras e há pessoas machucadas ou amarradas que são fortes na quebra da confiança e na provocação da desarmonia do grupo. Portanto, estar construindo uma comunidade fraterna não significa ausência de conflitos, mas o quanto cada um dos membros está disposto a se trabalhar, a rever atitudes, a acolher-se e acolher o(a) outro(a), a estar humilde e positivamente a caminho. E isso não é estático. Acontece em movimento, ora para pior, ora para melhor, mas *a vida é para frente*.

São Paulo: Paulinas, 1994. n. 11, 27-40 e 71 (Coleção A voz do Papa, n. 135.) *Vita Consecrata*, n. 92.

4. CABRA, Pier Giordano. *Per una vita fraterna*. Queriniana: Brescia, 1998. p. 122-123.

5. Cf. Jo 1,39.

6. Cf. *A vida fraterna em comunidade*, n. 58.

Épocas e estilos

Num certo período da história era importante servir a Deus num grupo/comunidade onde todos faziam as mesmas coisas, do mesmo jeito, na mesma hora e no mesmo lugar. A uniformidade era sinal de perfeição, de santidade. O rigor era muito bem aceito, até porque na sociedade e na Igreja como um todo vivia-se mais ou menos assim. Quem ousaria discordar dos pais? Quem ousaria contestar a autoridade dos professores? Quem criticaria o governo? Hoje, a juventude e o Povo de Deus em geral não entendem uma linguagem de excessiva disciplina, de excessivo rigor e querem saber qual a utilidade e o sentido das leis. Mas se o consagrado, além de disciplinado, testemunha ser gente, pessoa que faz parte do comum dos mortais e, portanto, sente dor e alegria, compreende sonhos e esperanças, é capaz de calçar os chinelos alheios (compreendendo o outro a partir do lugar em que ele se encontra), acabando por revelar ser alguém feliz por ser o que é, ou pelo que se propõe a ser, então, sim, aí tudo faz sentido.

Parece que nos nossos dias, por conta da eficiência na missão, nós, pessoas consagradas, somos muito exigentes no fazer, envolvemo-nos em mil atividades a ponto de não sabermos mais parar para o repouso, para o lazer, para a gratuidade da vida acolhendo o que o próprio Jesus nos sugere: “Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco”.⁷ Ao se fazer um projeto comunitário, por exemplo, acha-se tempo para tudo e, em geral, o mais difícil é criar espaço para o lazer. E quando, sofredamente, conseguimos planejar algum descanso, como um passeio comunitário, frequentemente abrimos mão do mesmo porque outros deveres nos chamam. Como diz alguém, parece que temos dificuldade em lidar com o gosto, com o prazer. Somos muito cumpridores de deveres e pouco gratuitos para conosco mesmos, para com o outro e para com Deus. E pensamos que com isso estamos glorificando o Pai do céu.

Acontece que, com todo este frenesi, nos tornamos pessoas do “ter de”, do dever, do fazer. E lá se vai a harmonia,

7. Mc 6,31.

o equilíbrio, lá se vai a alegria, a jovialidade dos “bem-amados”. Pergunto: dentro de tal esquema, é possível fazer pastoral vocacional, trabalhar na formação, propor às(aos) jovens de hoje o caminho da Vida Religiosa Consagrada como proposta atraente pela qual vale a pena dar a vida?

Deixar que o ser seja humano

Deixar que o *ser* “seja humano”. Somos seres ricos e complexos e por isso necessitamos nos desenvolver como um todo para que se estabeleça o equilíbrio psicofísico e espiritual. Se não soubermos parar para nada fazer, se não soubermos degustar de um momento ou da presença de uma pessoa querida, ou mesmo da solidão, como haveremos de ter gosto para estar a sós com o Amado ou para estar em uma missão onde não aparecem os resultados? A vida, dom precioso de Deus, *não pode ser só dever*. Ele não nos criou para simplesmente carregar fardos. Se a contingência da vida nos apresenta, é claro que os devemos carregar e procurar superá-los!⁸ Mas há de ter espaço também para *celebrar, viver e ser sinal da superabundância de gratuidade divina*.⁹

O sacrifício com equilíbrio e por uma boa causa tem todo sentido e faz bem. Costumamos dizer, juntamente com Paulo, que, se Jesus não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé.¹⁰ Costumamos dizer que o Povo de Deus não passou da Sexta-Feira Santa e se esqueceu de que a Páscoa acontece com a virada da morte para a vida.¹¹ Contudo, em diversas comunidades religiosas parece que ele continua no túmulo. Irmãs e irmãos, uma das causas deste clima pouco lúdico não será porque resistimos à possibilidade e mesmo à necessidade de nos deixar conduzir para o deserto e ouvir a *voz* que fala ao coração?

Nas comunidades em que os jovens continuam entrando e perseverando, uma das causas não poderia ser a de que, felizmente, nessas comunidades se continua cultivando a “solidão povoada” pela busca de Deus, alimentada na oração comunitária e na prolongada oração pessoal, aquela que

8. Cf. Gl 6,2; 2Ts 3,12.

9. Cf. *Vita Consecrata*, n. 104. *DAP*, n. 28-29.

10. Cf. 1Cor 15,17.

11. Cf. Jo 20,1-18.

acontece no centro da pessoa, *no coração*, poderíamos dizer, em cujo terreno só o Divino pode pisar?¹²

É fundamental recordar que, como proposta cristã, a experiência comunitária fraterna, para além das enfermidades e pecados pessoais, *ainda e sempre*, comporta o chamado para se viver com prazer a busca de servir ao Senhor e aos irmãos tocados e animados pelo mesmo ideal, pela mesma missão, pela mesma mesa da Palavra e do Pão da alma e do corpo, de modo que cada membro possa sentir o desejo de voltar para casa depois da missão, porque aí se respira o gosto, a alegria de se pertencer a uma comunidade de vida.¹³

Falemos de disciplina, sim, mas daquela que também nos faz fortes para sermos flexíveis quando a vida necessita, que nos faz tolerantes quando a vontade é de “quebrar a porcelana”, que nos faz compassivos quando, em vez de nos admirar dos erros dos outros, tomamos consciência de que nada de diferente teríamos feito caso nos encontrássemos nas mesmas condições.¹⁴ Disciplina e ascese, sim, mas para superarmos a nós mesmos, a nossa língua ferina, o nosso orgulho ferido. Este, o orgulho, não quer morrer! É preciso mesmo muita disciplina para amar assim! Melhor seria que, em qualquer situação e sempre, amássemos partindo do princípio de que *alguém* nos amou primeiro, porque tivemos, de alguma forma, em algum “lugar” ou num “dia” qualquer de nossa vida, a experiência do que é o amor. Pode ser uma saudade inconsciente de uma Pátria eterna por nós habitada antes de nascer. Pode ser a experiência da presença discreta de *alguém* que sempre nos carregou no colo.¹⁵ Enfim, algo que revele que o ser humano vive uma eterna “nostalgia de Deus”.¹⁶

Nosso povo, nossa gente, sabe perceber quando a coisa é de Deus. Nosso povo tem “faro” e diz: “Viver assim, só por Deus!”. Então, a Vida Religiosa necessita de descanso. Descansar em Deus. Tirar mais tempo para o namoro. Namorar Deus! “Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.”¹⁷ Meu irmão, minha irmã, essas são palavras que me saem do coração num momento de *deserto*. Essas palavras eu as digo a mim mesma e partem de

12. Cf. Ex 3,1-6.

13. Cf. *Vita Consecrata*, n. 42 e 67; *Perfectae Caritatis*, n. 15; *A vida fraterna em comunidade*, n. 3, 8-10.

14. Cf. At 22, 4-22.

15. Cf. *Vita Consecrata*, n. 20. Ser cristão é viver o amor a exemplo do Pai que nos deu seu Filho, do Filho que se entregou por nós e em resposta ao Espírito Santo que gera em nós a memória do Pai e do Filho (cf. 1Jo 4,7-21).

16. Cf. *Vita Consecrata*, n. 103.

17. Cf. SAINT-EXUPÉRY, A. O *Pequeno Príncipe*.

minha experiência às vezes de amor, às vezes de desamor por estar no rés do chão da vida, onde, como Paulo, não faço o bem que quero, mas, justamente o mal que não quero, constatando na minha própria carne que o Espírito está pronto, mas a humanidade é fraca. E... minha alma também se entristece por não ser aquilo a que é chamada a ser.¹⁸ Olhemos, portanto, para a experiência do profeta Oseias.

Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração

A Vida Religiosa Consagrada, espelhando-se na experiência de Oseias, é visibilidade marcante de quem provou o deserto como lugar de solidão, às vezes difícil, inquietante, angustiante, desafiador, mas experimentado também como espaço de encontro. Os amantes buscam o ermo, a solidão, onde nenhum olhar indiscreto se intromete, para que nada os distraia e para que tudo lhes permita estar profundamente em comunhão com a pessoa amada. Oseias fez esta experiência e dela aprendeu a deixar-se amar pelo Senhor.

Oseias nos diz: “Conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração”. Por isso, quero ver-me, quero ver-te, minha irmã, meu irmão, mais descansada(o) para deixar fluir a energia da vida que te habita, para que possas abraçar, sentidamente, a pessoa que te procura, para que a olhes nos olhos com ternura – nem sempre fácil –, para que a escutes com doçura, para que a corrijas com brandura – como Jesus –, sem rancor, mas com o vigor que faz parte do amor.¹⁹ Quero ver-te dando risada, porque, apesar de tudo, apesar das exigências da missão, onde quer que te encontres, a vida é bela e tu és belo(a), porque em ti habita a Beleza, a Fonte da eterna beleza!²⁰

A ternura do Filho forma e sustenta a comunidade

Até a encarnação do Verbo a dimensão da ternura de Deus não era ainda suficientemente conhecida. O povo de Israel,

18. Cf. Rm 7,15; Mc 14,66-72.

19. Cf. Jo 8,11.

20. Cf. *Vita Consecrata*, n. 19-20.

embora tivesse feito um longo caminho, não conhecia ainda “a Palavra” da Trindade Amada e Amante, que, numa con-fabulação amorosa, decide *descer* na Pessoa do Filho. O que Jesus veio fazer ao se encarnar foi mostrar ao ser humano que, na sua relação com o Pai, havia ainda algo a ser revelado: Sim, o Pai era o Criador, o Fundamento do universo, o Todo-Poderoso, mas o Todo-Poderoso no Amor. Agora, com a encarnação, Jesus de Nazaré era tudo o que o Pai tinha a dizer à humanidade, não lhe restava nada mais. Ele, Jesus, compartilha como um menino o Amor-liberdade do *Abbá* (paizinho), a experiência desta relação amorosa.²¹

Dessa maneira, o “Verbo”, a ternura de Deus acampou no meio de nós e nós vimos a sua glória.²² Eis, então, que o Filho vem para fazer a vontade do Pai,²³ isto é, dizer aos homens e mulheres o quanto o Pai os ama. A Escritura, portanto, fazendo caminho desde o Antigo e culminando no Novo Testamento, é a revelação de como Deus prepara seu povo, o pequeno resto de Israel para receber a Boa-Notícia de seu Filho e formá-lo, portanto, como comunidade de fé, contagiada pela sua ternura. Ele, Jesus, veio para ser companheiro de homens e mulheres de todos os tempos e lugares.

Não foi uma difícil e complicada teoria sobre o Pai, que convenceu amigos e amigas de Jesus como companheiros de caminhada a continuarem o seu projeto, mesmo depois de sua escandalosa e dolorosa morte de cruz. Logo depois da tragédia de sua morte, diz o evangelista que alguns estavam trancados com medo dos judeus.²⁴ Outros retornavam desolados e cabisbaixos para Emaús.²⁵ Outros, ainda, diziam que só acreditariam na possível novidade da ressurreição se colocassem o dedo nas suas chagas.²⁶ Sim, aquele homem era tão “dos nossos” que muitos nada mais viram além do filho de José, o carpinteiro, e Maria. O que motivou, então, o que seduziu aquele grupo de homens e mulheres?

Pouco a pouco, depois de receberem o Espírito Santo em forma de chama, depois de notarem que com *aquela* presença e palavras se lhes ardia o coração, depois de colocarem o dedo nas feridas e exclamar “Meu Senhor e meu Deus!”, não houve quem os detivesse. Tiveram medo, sim! Titubearam,

21. Cf. Jo 11,41-42.

22. Cf. Mt 4,15-17; Lc 2,21; Jo 1,14.

23. Cf. Lc 4,16-22.

24. Cf. Jo 20,19.

25. Cf. Lc 24,13-25.

26. Cf. Jo 20,24-25.

discordaram entre si, seguiram métodos diferenciados, mas levaram adiante a Boa-Notícia de que aquele ser humano era especial, mudara a vida deles para melhor e para sempre e a vida ganhava novo sentido. Meu viver é Cristo, afirma o apóstolo Paulo.²⁷

Revelam os Evangelhos que esse grupo de discípulos e discípulas deixou-se incomodar, abriu espaço para a possibilidade de uma Boa-Nova, soube superar esquemas, lançar-se na insegurança da novidade e mudar paradigmas. Entendeu, embora devagar, que aí, naquela figura tão semelhante à nossa, podia estar o Filho de Deus, o Messias esperado que viria salvar Israel. Aquelas mulheres e homens simples e por vezes rudes entenderam que Jesus, o Cristo, veio não através da força e da luta armada, não através do poder e da prepotência, mas através da fraqueza e da simplicidade da encarnação, assumindo todas as realidades humanas, só não entrando na dinâmica do mal, o pecado.²⁸ Ele veio com “vigor e doçura”, como a voz que clama no deserto,²⁹ sobretudo como a brisa que fala ao coração.³⁰

Na verdade, Jesus de Nazaré foi e é o Filho de Deus, a sabedoria infinita, a simplicidade e a proximidade fascinante, a provocação que chama à mudança de vida,³¹ a indulgência misericordiosa, a ira que não tolera a deturpação do uso do templo³² e a infinita ternura, que exclama: “Minha filha, nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”.³³ Esse homem vigoroso, firme e ao mesmo tempo terno e doce, vai contagiar seus(suas) seguidores(as) a partir da sua experiência na interioridade da Trindade e no contato com as situações corriqueiras de cada dia. No entanto, já no Antigo Testamento profetas como Oseias intuíram, a partir da experiência humana, que *o Senhor* é perdão e compaixão, é proximidade e doçura, é fidelidade na infidelidade humana, é amor gratuito que não se mede pela correspondência da figura amada, é afago e ternura capaz de criar situações para dar-se em amor.

É importante lembrar que a ternura evangélica, a ternura de Jesus supõe “doçura e vigor”, portanto a grave decisão de, por amor, deixar-se trabalhar por dentro e a favor

27. Cf. Gl 2,19-21.

28. Cf. Lc 2,10-12; Fl 2,6-11.

29. Cf. Mt 3,1-3.

30. Cf. 1Rs 19,1-21.

31. Cf. Mt 18,12-17; 20,30-34.

32. Cf. Lc 19,45-46.

33. Cf. Jo 8,11.

do outro(a), viver com altruísmo, abrindo mão do próprio conforto, da própria teimosia e da própria vaidade. Supõe também, e concomitantemente, a flexibilidade para olhar o mundo a partir do olhar do outro, buscando entender o que os olhos do outro veem, para então, só depois, por meio do diálogo e da liberdade, propor novas formas e atitudes, caso seja necessário e melhor para o cuidado com a vida.

Mas não é possível manter o passo se fixarmos o olhar nas ninharias, nas chateações, nos desencontros. É preciso mirar o horizonte, saber que o sucedido de cada dia é apenas um fato e que o ideal do *Reino* tem alcance maior do que aquilo que nossos olhos podem ver. Assim sendo, o cristão e – não poderia ser diferente! – consagrado é um teimoso, persegue o alvo mesmo quando não o está vendo, porque, de alguma forma, já o “viu”. Mesmo quando a vida parece estar perdida no emaranhado das contradições, ele acredita que bem lá adiante, para não dizer: nesta mesma “hora e aqui”, existe um fio que conduz, sustenta e dá sentido ao que parece tão frugal e sem sentido.

A ação de Deus nas ações humanas

Sim, a vida cristã seguindo os passos do Mestre é exercício de vida cotidiana. Mas atenção! Nem tudo é luta e suor, nem tudo é esforço e dor. A vida é paixão, é fogo que arde e deseja viver.³⁴ É assim que o Pai do Céu sustenta a vida por ele criada! A Liturgia das Horas, no hino de *laudes* do sábado da primeira semana, canta a beleza da *ação de Deus nas ações humanas*:

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito,
saímos da noite e estreamos a aurora;
saudamos a alegria da luz que nos chega
ressuscitada e ressuscitadora.

Tua mão aproxima o fogo da terra sombria,
e o rosto das coisas se alegra em tua presença;
balbucias a aurora com uma palavra,
tu pronuncias o mar como sentença.

34. Cf. Ex 3,1-16.

Regressa, do sono, o homem à sua memória,
acode a seu trabalho, madrugada a suas dores;
lhe confias a terra, e à tarde a encontras
rica de pão e amarga de suores.

E tu te regozijas, ó Deus, e tu prolongas
em suas pequenas mãos tuas mãos poderosas,
e estais de corpo inteiro os dois assim criando,
os dois assim velando pelas coisas.

Bendita a manhã que traz a notícia
de tua presença jovem, em glória e poder,
a serena certeza com que o dia proclama
que o sepulcro de Cristo está vazio! Amém.³⁵

Rezar esse hino colhendo a beleza de cada estrofe nos coloca em sintonia com a pequena ação do homem e da mulher a cada dia, porém promovida, sustentada e acabada pelo próprio Deus. Contemplemos, novamente, alguns trechos do hino: “Tua mão aproxima o fogo da terra sombria [...] lhe confias a terra, e à tarde a encontras rica de pão [...] e tu te regozijas, ó Deus, e tu prolongas em suas pequenas mãos tuas mãos poderosas, e estais de corpo inteiro os dois assim criando, os dois assim velando pelas coisas”.

Assim, Deus participa do cotidiano de nossas vidas e por ele se interessa. Jesus é um homem plenamente integrado à vida dos seus:

Porque, pela sua Encarnação, ele, o Filho de Deus, *uniu-se de certo modo a cada homem*. Trabalhou com mãos de homem, pensou com uma mente de homem, agiu com uma vontade de homem e amou com um coração de homem. Nascendo da Virgem Maria, ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. Ele, o Redentor do homem.³⁶

Desse modo, o Filho do Homem mostra o seu jeito de *Ternura de Deus* e glorifica o Pai do Céu. Ele, vivendo com simplicidade, é a *memória* que devemos continuamente viver.

35. Cf. *Liturgia de las Horas para los fieles*. Barcelona: Liberdúplex, 2005. Tradução livre.

36. JOÃO PAULO II. *Redemptor Homi-nis*, n. 8.

Fazer memória de Jesus

Minha irmã, meu irmão, mesmo com todo o desejo de servir à Igreja, não “temos de” dar conta de tudo. Nem o poderíamos! Existiu um Homem, lá pelos lados da Galileia, que foi Pastor de gente, mas por pouco tempo, e deixou muita coisa para trás. Morreu prematuramente porque amou demais, não porque tivesse feito coisas demais.³⁷ O seu tempo de missionariedade foi muito curto, mas de tal intensidade que mexeu com muitos corações. Muitos dos que se encontraram com o seu olhar mudaram de vida. Para alguns, anunciar o Evangelho era uma necessidade.³⁸ A experiência de amor gritou mais forte. Nunca mais foram os mesmos! Numa das passagens do filme *Jesus de Nazaré*, de Franco Zeffirelli, um dos apóstolos fala de sua vida, de seu passado, com um certo saudosismo, insinuando que voltaria a ele, à vida cotidiana de antes de conhecer Jesus. O colega, porém, lhe diz mais ou menos assim: “Amigo, tu nunca mais voltarás, nós nunca mais voltaremos, e tu sabes disto!”. Ele falava de uma *pessoa*, de uma experiência de amor que mudara a sua vida.

Assim, é possível que a Vida Religiosa retome o seu caminho com “novo vigor”, adaptando-se aos tempos, lugares e culturas, com certeza, nos aspectos modificáveis, mas é necessário retomar a vereda da paixão, do reencantamento pela Pessoa de Jesus na fomentação do Reino, da defesa e valorização da vida, da celebração do Deus presente na história.³⁹ Isso, porém, a começar pelo interior de cada comunidade e, melhor ainda, de cada consagrado(a). Retomar a motivação, o sentido pelo qual *vivemos e somos* como pessoas consagradas. Deixar-nos tomar pela *ternura de Jesus Cristo que nos conduz ao deserto e nos fala ao coração* para poder testemunhá-la, antes de tudo, entre os membros da própria comunidade e expandir para fora junto ao Povo de Deus.⁴⁰

Como Jesus, somos, portanto, chamados, consagrados e enviados, como companheiros de caminho, a partir quando necessário, quando nossa missão já foi cumprida, buscando a superação e a transcendência e lembrando o pó que somos.

37. Cf. Mc 15,33-39.

38. Cf. 1Cor 9,15-18.

39. Cf. *Medellín*, n. 12,2-9; *Documento de Aparecida*, n. 216-220; 526.

40. Cf. *A vida fraterna em comunidade*, n. 58 e 71.

Somos chamados e enviados para seguir Jesus no despojamento evangélico, no amor que nos faz mais amáveis, na obediência que nos faz felizes e “cúmplices” na sua missão de construir e propagar o Reino.⁴¹

Como Jesus, ser companheiro!

Cum panio [= “amigo verdadeiro”] é aquele(a) que come junto o pão de cada dia, aquele que caminha lado a lado com alguém. Você, minha irmã, meu irmão, assim como eu, necessita de companheiros que respeitem o mistério do seu coração, que não julguem sua dor nem queiram decifrar a sua alma, apenas caminhem com você. Somente UM poderia, sem pedir licença, passear no íntimo do seu coração. Mas ele não agiu assim. Não foi invasivo, não quis submeter os outros, e modificou-os completamente. Somente ele, sem querer ditar caminhos, despertou a verdade e a bondade mais profunda na alma dos seus companheiros. Ele era o Mestre e Senhor,⁴² ele era o Protótipo, o modelo... a forma justa de cada homem. Mesmo assim, apenas mostrou como é que se pode ser... Amou, enfim! Por isso cativou! Resgatou a identidade humana.

Com os seus, ele comeu o pão. Para eles se fez Pão, a fim de fortalecer durante a caminhada, que, inevitavelmente, comporta agruras. Aquele Pão era de Fibra Original, sem acréscimos, capaz de erguer os caídos, fortalecer os fracos, dar coragem aos tímidos e teimosia aos combatentes e cambaleantes. Ele se fez tudo para todos!⁴³ Aos pecadores restituiu a originalidade e a candura das crianças, aos velhos fez de novo meninos, aos duros de coração colocou nos lábios um sorriso de paz. Ele fez arder o coração descrente, mobilizou o desejo das alturas, o desejo das montanhas, às quais se sobe descendo, quando se aceita descer, contrariando a ilusão do mundo.

Ser caminheiro! Sim, ser caminheiro, companheiro, junto aos agraciados pelo Dom da vida, sem ostentação nem falsa humildade. Apenas caminheiro... companheiro ... até o fim! Até aquele derradeiro e novo começo, até aquele feliz começo, que

41. Cf. At 2,42-47; *Vita Consecrata*, n. 72.

42. Cf. Jo 13,12-16.

43. Cf. 1Cor 9,22.

não tem fim. Aí, você e eu, minha irmã, meu irmão, seremos, então, saciados pelo Pão da alegria plena do retorno ao seio, à Pátria definitiva, junto *àquele* que não nos abandona jamais.

Como Jesus, aprender a partir!

A Vida Religiosa Consagrada que comporta a dimensão contemplativo-ativa tem uma característica exodal. Muitas vezes nos agarramos a certas seguranças: Casa, amigos, trabalhos, sucesso, contexto conhecido, poderíamos elencar uma lista enorme. Certa vez, necessitei conversar comigo mesma e escrevi:

É hora de partir! Não pense que os outros não sobreviverão sem você. É próprio da vida *ser passagem*. Passam-se os tempos! Passam-se os séculos! Os modos de vida mudam! Os empreendimentos mudam de rumo! As eras acabam; começam outras. As pessoas vêm e vão! E a vida continua.

É preciso partir, pois ficar seria morrer de uma morte meio inútil, tipo estéril. Seria amar menos, deixar morrer o ideal.

Saiba, minha irmã, meu irmão, que sem você algo não será feito, mas outras coisas se farão! E a vida continua. Você é importante, mas é perfeitamente substituível! Não se assuste! É da vida *ser passagem*! “Passam-se os dias, passam-se os séculos; só quem ama não passará jamais!” diz um canto italiano. Por isso, aprenda a partir! Aprenda a deixar partir! Aprenda a deixar que outros partam e que os outros deixem você partir. Vá! E... “passe fazendo o bem!” É o que importa! Nada mais! Se você ficar, “não produzirá frutos!”

Diz o Senhor Jesus a cada um dos seus: você, com minha graça, pode mais. Vocês, amigos, podem mais! Saibam que a natureza humana é sempre insatisfeita e encontra mil pretextos para dizer: só mais... – só mais isto ou aquilo –, para, logo a seguir, encontrar novas desculpas para a sua insaciedade. Confesso que minha alma tantas vezes sonhou chegar a uma maturidade interior em que certas decisões difíceis e *kenóticas* poderiam ser tomadas na alegria da pura

liberdade, sem grandes esforços, mas vejo que a maturidade e a liberdade comportam ascese. É necessário o exercício de cada dia e dizer a si mesmo(a): *só por hoje!*

Como Jesus, só por hoje!

Não é fácil rezar quando nosso exterior e nosso interior vivem um tempo de convulsão. Mas se, em tudo e sempre, nele nos movemos e somos, é possível, necessário e certamente salvador fazer do que se vive o ponto de encontro com ele. Assim, permito-me um espaço para uma prece: *Só por hoje!*

Só por hoje, Senhor, mantereí a calma e não responderei.

Só por hoje farei de conta que meu sangue não corre nas veias e não entrarei no esquema de quem, a todo custo, tenta me desestabilizar.

Só por hoje lembrarei de ti, Amigo, da tua paciência, da tua altivez, da grandeza da tua alma, do equilíbrio do teu espírito.

Só por hoje lembrarei que muitas mulheres mal-amadas e massacradas (e muitos homens também) suportam pesos desmedidos por causa dos filhos.

Só por hoje lembrarei de ti diante dos que te escarneciam, dos que te insultavam, e tu os compreendias e não revidavas.

Só por hoje lembrarei que este sentimento de humilhação e revolta é muito pequeno diante do que suportaste por mim.

Só por hoje lembrarei que não conheço o Mistério do(a) outro(a) para julgar a sua insanidade.

Só por hoje dar-me-ei conta de que eu não sei como lidar com o emaranhado dos seus e dos meus sentimentos.

Só por hoje lembrarei que sou fraco(a) e que “um nada” me abala e me coloca de um jeito que nem eu mesmo(a) consigo aguentar.

Só por hoje terei fé e rezarei por quem não sei o que fazer e como lidar.

“Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração”
(cf. Os 2,16)

Só por hoje evitarei o deboche e a posição no mesmo nível de desatino.

Só por hoje, Senhor, dá-me a graça de manter a calma, relaxar e dormir e pensar que amanhã é outro dia.

Só por hoje lembrarei que torces por mim e por cada um de meus irmãos e irmãs, e que também tu, no exercício da *tua pura liberdade*, não interferes no caminho que meu(minha) irmão(ã) e eu temos de aprender a fazer.

Só por hoje... e, a cada dia, boa-noite, Senhor!
Amém.⁴⁴

Então, não dá para viver a Vida Consagrada sem assumir, como o Filho de Deus, a disposição para *ser húmus*, de estar no chão da vida.

Sem querer concluir

Vou encerrando esta reflexão propondo-me acolher com os olhos da fé as situações desagradáveis que se apresentam na vida de todo ser humano e lembrar que também em relação à espiritualidade *nada se perde* e tudo pode concorrer para o bem.⁴⁵ Desejo expressar-me em forma de poesia/oração: *Ser húmus bendito!*

Bendito húmus!

Bendito húmus da terra,
tão desprezível e precioso,
sem o qual a roseira não daria flor,
a flor não produziria mel.

Bendito húmus,
desagradável e malcheiroso,
tão rejeitado e necessário ao crescimento da vida.

Bendito húmus da humilhação,
que nos faz humildes e nos equilibra,
que nos coloca no nosso lugar,

44. Prece noturna (experiência pessoal).

45. Cf. Rm 8,28-30.

que não nos tira os pés da terra
para que nossa alma atinja a luz.

Bendito húmus,
necessário aos viventes,
aos viandantes da caravana humana,
que fortalece os fracos e desarma os soberbos,
bendito húmus, que nos lembra o pó que somos.

Bendito húmus da incompreensão,
que nos permite respeitar e venerar *O Mistério* do outro,
as intenções da alma e os segredos do seu coração.

Bendito húmus,
que é bênção na caminhada que constrói o Reino.

Bendito húmus das relações humanas,
húmus que revela as nossas diferenças,
que nos desafia a nos acolhermos mutuamente
e a promover a caridade fraterna.

Bendito húmus que nos santifica,
porque nos obriga a dar significado
às coisas insignificantes,
às desavenças e às crenças,
às diferenças e às pertenças.
Bendito húmus da comunhão dos santos,
daqueles que, falíveis, porque humanos,
santos, porque, mesmo imperfeitos,
buscam galgar as montanhas da superação,
do *Magis*, do Eterno, do Infinito.

Bendito húmus
que revela ao ser humano
a saudade inconsciente da Pátria Grande,
do seio paterno/materno de Deus Pai/Mãe,
lugar de onde saiu
e fonte da eterna sede de retorno.

“Conduzi-la-ei ao deserto e, com ternura, falar-lhe-ei ao coração”
(cf. Os 2,16)

Bendito húmus da terra que nos habita,
onde Deus quis se fazer carne
para mostrar aos humanos
quão magnífica é a sua insignificante vida:
por ela Deus nasceu, caminhou
e, como a semente, morreu...
morreu por AMOR.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A Vida Religiosa Consagrada é “sinal e promessa do Reino”. Você crê nisto? Em que sentido ela é “sinal e promessa”?
2. Na Vida Consagrada, hoje, nem tudo é “luz”, mas também nem tudo é “sombra”. No seu Instituto ou comunidade religiosa, em que momentos, ou diante de quais situações, você se sente estimulado(a) a continuar porque, de fato, este estilo de vida, como *um jeito de seguir Jesus*, se mostra atraente e pelo qual vale a pena viver?
3. Faltam vocações nos Institutos religiosos e muitos(as) consagrados(as) desistem deste caminho. De acordo com a sua experiência, o que poderia estar *dificultando os jovens sentirem-se atraídos e deixarem outras propostas de vida* para seguir Jesus como consagrados(as) na Vida Religiosa?

A Vida Consagrada nos Institutos Seculares

MOEMA R. MURICY*

Introdução

A Vida Consagrada, como vocação e missão na Igreja, pela moção do Espírito, também deve ser considerada a partir da leitura do contexto histórico, social e cultural originário, como resposta às necessidades desse contexto na relação Igreja-mundo. Assim, fundadores e fundadoras com determinados carismas e sensibilidade aos sinais dos tempos e com compromisso eclesial formaram grupos em torno de um projeto de Vida Consagrada, como resposta à realidade à luz do Evangelho.

O surgimento de cada uma das formas de Vida Consagrada e de cada Instituto é um acontecimento que encerra grande densidade e capacidade de transmissão e visualização do amor salvífico de Deus na história. A história das distintas formas de Vida Consagrada é a história do discernimento dos sinais dos tempos que manifestam o desígnio salvífico de Deus.¹

O processo histórico dos Institutos Seculares delineou uma nova e original vocação na Igreja, caracterizada pela consagração secular, como forma de vocação que, permanecendo no mundo, professa os conselhos evangélicos. É importante significar a importância dos Institutos Seculares, na sua vocação e missão no mundo e na Igreja, a partir da reflexão sobre o processo cultural da secularização e da sua relação com a Igreja. A missão dos Institutos Seculares tem como finalidade o diálogo com o mundo secularizado, vazio de Deus, mas que, ao mesmo tempo, busca Deus como anseio mais profundo do humano.

* **Moema R. Muricy** é fundadora do Instituto Secular Murialdo (ISMUR) e presidenta do Conselho de Ensino Religioso de Caxias do Sul-RS. Tem mestrado em Teologia Sistemática pela PUCRS. Atualmente, articula a fundação do Centro de Espiritualidade Shekiná e Centro de Educação do Meio Ambiente em Caxias do Sul-RS. **Endereço da autora:** Rua Vinte de Setembro, 2069, apto. 3, CEP 95020-450, Caxias do Sul-RS. E-mail: moema@bitcom.com.br.

1. GOMEZ, Jesús Alvarez. *Vida consagrada para el tercer milénio*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1999. p. 7.

Surgimento e formação dos Institutos Seculares

Nos séculos XVI e XVII, na Espanha, França e Itália, já apareciam estilos de vida que professavam os conselhos evangélicos – mas permaneciam em suas casas, como a fundação de Santa Ângela de Mérici –, que professavam a virgindade consagrada e realizavam o apostolado do ensino à juventude. Na clandestinidade, o Padre Pedro-José Picot de Clorivière fundou duas Instituições, uma de sacerdotes e outra de leigas, com votos e sem vida comum. No século XVIII, esse estilo de vida ganhou maior espaço por causa da dissolução das Ordens religiosas pela Revolução Francesa.

A Associação Obra da Juventude, fundada por João-José Allemand em Marselha (1815), professava os conselhos evangélicos para atuar como fermento evangélico nos mais diferentes ambientes. Outras Associações semelhantes começaram a surgir, tais como: Filhas do Santíssimo e Imaculado Coração de Maria, idealizadas por Santo Antônio Maria Claret, e as Oblatas do Sagrado Coração (1876), fundada por Catarina Volpicelli. Muitas dessas Associações recorreram a Roma para serem aprovadas e receberam aprovação como Congregações. As associações, que viviam segundo as características de Institutos Seculares, foram proibidas de se chamarem Congregação pelo decreto *Ecclesiae Catholicae* (1889).²

Na Suíça (1938), aconteceu o Congresso de São Galo (Saint-Gall), autorizado pelo Papa Pio XI. Esse Congresso, sob a coordenação do Padre Agostinho Gemelli, reuniu 25 Associações da França, da Alemanha, da Hungria, da Itália, da Bélgica, da Holanda e da Áustria para partilharem as características comuns entre os Institutos. Emilio Tresalti, que participou desse primeiro encontro a convite do Padre Gemelli, assim se expressa: “Os Institutos Seculares nasceram por geração espontânea, em vários países, em diferentes momentos, mas todos, de modo geral, no mesmo período histórico-cultural”.³

2. RODRIGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Joan (org.). *Dicionário da vida consagrada*. São Paulo: Paulus, 1994. p. 568-573.

3. TRESALTI, Emilio. *Carta testemunhal*. Roma, 1980. (Documento.)

Nesse Congresso ficou claro que essas Associações não se caracterizavam como Associações de fiéis, Congregação ou Sociedade de Vida Apostólica, pois lhes faltavam elementos desses estilos de vida. Contudo, tornou-se evidente que se tratava de uma nova vocação de Vida Consagrada.

A característica comum dessas Associações, provenientes de países e realidades diferentes, era a consagração a Deus, vivida no meio do mundo.

O canonista Padre Giuseppe Dossetti, por solicitação do Padre Gemelli, preparou um documento tendo como objetivo a aprovação pela Santa Sé das Associações que tivessem a intenção de se tornarem Institutos Seculares. Tal documento ficou conhecido como *Pro Memoria do Padre Gemelli*, mas Roma não concedeu a aprovação por achar que ainda não havia maturidade suficiente.

A Europa passava por momento difícil: surgiam os regimes totalitários nazista, fascista e comunista. Os Institutos seguiam sua caminhada na clandestinidade, buscando com dificuldade encontrar-se, pois estavam dispersos em vários países e pensavam como responder, pelo apostolado, a esse contexto político e às situações de opressão.

O Papa Pio XII, atento à importância dessa forma de Vida Consagrada na Igreja, incumbiu a Sagrada Congregação dos Religiosos de estudar a questão com a finalidade de estabelecer a natureza jurídica dos Institutos Seculares e dar o decreto de louvor. O subsecretário do Dicastério da Sagrada Congregação dos Religiosos, Padre Arcádio Maria Larraona, mais tarde cardeal, percebeu a necessidade de uma nova legislação, por se tratar de uma nova forma de Vida Consagrada. Para isso, recuperou o documento *Pro Memoria do Padre Gemelli*, e se empenhou na preparação da documentação que conduziu à aprovação da nova vocação na Igreja.⁴

O marco histórico dos Institutos Seculares é a constituição apostólica *Provida Mater Ecclesia*, promulgada pelo Papa Pio XII no dia 2 de fevereiro de 1947, e que os torna reconhecidos pela Igreja.

4. Ibid.

672

Na França, em Venasque (1968), houve um encontro dos Institutos Seculares promovido pelo Instituto Notre Dame. Esse encontro fez aumentar a percepção da necessidade de partilha entre os Institutos Seculares.

A Santa Sé, nesse mesmo ano de 1968, nomeou uma comissão composta pelos responsáveis gerais dos Institutos e fundadores para a constituição de um organismo internacional, como ponto de união e apoio entre os diversos Institutos, e que se constituiria, mais tarde, na Conferência Mundial dos Institutos Seculares (CMIS). A comissão foi presidida pelo Padre Heston, norte-americano, secretário da Congregação dos Religiosos.

Essa comissão promoveu um Congresso Internacional em Roma, no mês de setembro de 1970. A presidência foi confiada ao professor Lazzati pela Santa Sé. Participou como secretário Armando Oberti, do Instituto Militis Christi, hoje Instituto Cristo Rei. Os relatores foram: Beyer, Lazzati, Von Balthasar, Metge, Brasca e De Helguera. O Congresso aconteceu na *Domus Mariae*, com a participação de quatrocentas pessoas de várias partes do mundo.

No Congresso, foram criados estatutos para Institutos Seculares como norma comum e se discutia se os Institutos deveriam ou não ter obras. Os documentos de Pio XII não excluía as obras, porém a tendência era que os Institutos não as possuíssem. Debateu-se a questão dos carismas de cada Instituto e do direito de cada um se exprimir e ser autônomo. O professor Lazzati conduziu e realizou um grande trabalho para um acordo, redigido pelo canonista Padre Bükler, de Schoenstatt, e por Armando Oberti, do Instituto Militis Christi. Concluíram que as questões de conflito seriam esclarecidas na caminhada dos Institutos.

Finalmente, conseguiram formar uma Comissão internacional com condições de representar os Institutos. Integram essa Comissão quinze pessoas de vários países, com o objetivo de organizar estatutos do órgão permanente que daria origem à Conferência Mundial dos Institutos Seculares (CMIS). A presidenta da Comissão foi Gabrielle Lachance, das Oblatas Missionárias de Maria Imaculada, do

673

Canadá; a vice-presidenta foi Jean Canivezvice, da França; e o secretário foi Emilio Tresalti, da Itália.

A Comissão trabalhou durante dois anos e convocou uma assembleia (1972) para aprovação dos estatutos e da qual surgiria a Conferência Mundial dos Institutos Seculares (CMIS). A língua adotada para todas as comunicações foi o francês, só mais tarde houve tradução para diversas línguas. Nesse Congresso participaram duas representantes do Brasil, uma do Instituto Servo de Jesus Sacerdote, outra do Instituto Auxiliar das Vocações.

No Congresso dos Institutos Seculares, em Roma (1970), Mercedes Rincante, coordenadora do Instituto Fiéis Servas de Jesus, da Colômbia, sobressaiu pelo seu entusiasmo em relação à organização e à unidade entre os diversos Institutos. Ela integrou a comissão para criação dos estatutos da Conferência Mundial dos Institutos Seculares (CMIS) e também foi designada pelo Congresso para organizar a Conferência dos Institutos Seculares da América Latina (CISAL).

A Conferência dos Institutos Seculares da América Latina nasceu do desejo e da necessidade de favorecer a unidade e o serviço recíproco entre as Conferências presentes e operantes no continente, importante para a promoção da Vida Consagrada secular e uma presença incisiva na sociedade.

No Rio de Janeiro, realizou-se o Congresso Latino-Americano, em julho de 1974. Estiveram presentes Institutos representantes da Argentina, do Chile, da Colômbia, do Paraguai, do Uruguai, além do Brasil. Nesse Congresso, os temas abordados foram sintetizados nas questões: secularidade e secularismo, harmonia entre trabalho e vida de oração, missão no meio do mundo e a pluralidade nos Institutos Seculares.⁵

As Servas de Jesus Sacerdote foi, no Brasil, o primeiro Instituto Secular aprovado pela Santa Sé, em 21 de junho de 1950. Hulda Maria de Azevedo Del Papa, coordenadora desse Instituto, preocupada com a sua organização, foi a Roma (1969) buscar orientações com o fundador do

5. Cf. DEL PAPA, Hulda Azevedo. *Carta testemunhal*. Ribeirão Preto, 1999. (Documento.)

Instituto, Padre Luiz M. Fernandes Pisetta, e com Bernadette Pereira Mayer, integrante do mesmo Instituto. Hulda Maria voltou a Roma, em 1970, para participar do Congresso Internacional dos Institutos Seculares, promovido pela Santa Sé. Na ocasião, Hulda Maria foi incentivada, pelo secretário da Sagrada Congregação, Dom Mario Albertini, a organizar a Conferência Nacional dos Institutos Seculares (CNIS) no Brasil.⁶

O primeiro encontro da CNIS do Brasil realizou-se em 16 de janeiro de 1972, em Ribeirão Preto, São Paulo, lugar onde morava Hulda Maria. Participaram desse encontro seis Institutos: Instituto Catequético Secular de São José, Missionárias de São Francisco, Missionárias dos Enfermos, Nossa Senhora da Assunção, Vita et Pax e Servas de Jesus Sacerdote.

O Código de Direito Canônico de 1983 (cân. n. 710) reconheceu, juridicamente, os Institutos Seculares como Vida Consagrada na Igreja, os quais, como os religiosos, ficaram incluídos no Dicastério *Sagrada Congregação da Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica*.

A CNIS do Brasil, fundada como sociedade civil em 30 de abril de 1989, adquiriu personalidade jurídica como associação civil de direito privado em 4 de maio de 1990, com sede na cidade de São Paulo, estado de São Paulo.

Principais documentos da Igreja sobre os Institutos Seculares

O Papa Pio XII teve a sensibilidade de promulgar a constituição apostólica *Provida Mater Ecclesia* (2 de fevereiro de 1947) ao verificar o fenômeno do florescimento de Associações em rápida expansão na Igreja e que os evangélicos se distinguiram em viver os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, na doação total a Deus, mas no meio do mundo. Essa constituição apostólica foi influenciada pelo documento *Pro Memoria*,⁷ apologia doutrinal e teológica associada ao nome de Gemelli. A *Provida Mater Ecclesia* reconheceu os Institutos Seculares como dom do Espírito Santo

6. Ibid.

7. Cf HOLLAND, Sharon. *Hacer de Cristo el corazón del mundo. Reflexión canónica sobre los Institutos Seculares*. Citta Nuova. *Revista Dialogo*, Roma, v. XXXV, n. 152-153, p. 43, 2007.

para o bem da Igreja, abraçando os conselhos evangélicos no meio do mundo. Considerou a vocação dos consagrados seculares como uma resposta às necessidades do tempo e por isso permanecem no mundo.

Levar autenticamente, em todo tempo e em todo lugar, a vida de perfeição e abraçá-la em certos lugares em que a Vida Religiosa canônica é impossível ou pouco adaptada: recristianizar, intensamente, as famílias, as profissões, a sociedade, graças ao contato imediato e cotidiano de uma vida perfeita e totalmente consagrada à santificação, exercendo o apostolado sob múltiplas formas.⁸

A partir da *Provida Mater Ecclesia*, seguiram-se outros documentos, como complementação: o *motu proprio Primo Feliciter*, também de Pio XII, promulgado em 12 de março de 1948, e a instrução *Cum Sanctissimus*, promulgada em 19 de março de 1948.

A Lei Particular (*Lex Peculiares*) dos Institutos Seculares, anexa na *Provida Mater Ecclesia*, é constituída de dez artigos que estabelecem normas para os Institutos Seculares. Considera que os vínculos dos membros com o Instituto devem ser estáveis, perpétuos ou temporários, mútuos e plenos, conforme as Constituições.⁹

Os Institutos não impõem aos membros a vida ou a habitação comum. Entretanto, convém possuírem uma ou mais casas, por razão de necessidade ou utilidade, como moradia dos superiores-gerais ou regionais, para os membros completarem a formação, para os retiros espirituais ou para receberem membros para tratamento de saúde.¹⁰ A *Lex Peculiaris* determina que os bispos podem erigir os Institutos, consultando a Sagrada Congregação dos Religiosos e seguindo normas estabelecidas por ela.¹¹

O caráter secular que constitui a razão de ser dos Institutos Seculares deve aparecer, porém sem excluir a profissão dos conselhos evangélicos. A Vida Consagrada nos Institutos Seculares deve ser vivida no mundo e a partir do mundo, convertida em apostolado, exercido com abnegação de

8. PIO XII. *Provida Mater Ecclesia*, n. 10.

9. *Lex Peculiaris*, art. III, § III, n. 1.2.

10. Ibid., art. III, § IV, n. 1.2.3.

11. Ibid., art. V, § I.

si, revelando o espírito interior que o anima no mundo e a partir do mundo, nas profissões, atividades, formas, lugares e circunstâncias correspondentes à sua condição secular.¹²

Os Institutos Seculares podem ser agregados às Ordens ou a outras religiões para que possam ser ajudados, também moralmente. Entretanto, deve-se cuidar para que tal dependência não diminua a autonomia deles.¹³

O Concílio Vaticano II se pronunciou sobre os Institutos Seculares no decreto *Perfectae Caritatis*, mencionando a consagração com a profissão dos conselhos evangélicos no mundo, portanto reconhecendo a índole secular dessa consagração.¹⁴

Pronunciamentos dos Papas Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI sobre os Institutos Seculares

Paulo VI

A identidade dos Institutos Seculares é reafirmada por Paulo VI como vocação nova e original da Vida Consagrada, vivida no seguimento de Cristo, através dos conselhos evangélicos no meio do mundo. A fonte da vitalidade é Jesus Cristo, divino manancial. Considera que os Institutos Seculares têm um caminho difícil de alpinistas do espírito,¹⁵ no meio do mundo, sempre em estado de vigilância e de iniciativa pessoal, haurindo o sentido da consagração em contínuo exercício de espiritualidade.

A consagração secular é uma verdadeira e própria consagração, segundo os conselhos evangélicos, mas sem a visibilidade própria da consagração religiosa.¹⁶ Paulo VI considera a consagração e a secularidade aspectos de uma mesma fisionomia espiritual. Secularidade indica a inserção no mundo, portanto a consagração secular não é só uma posição, uma função que coincide com o modo de viver no mundo, praticando um ofício ou exercendo uma profissão secular. Estar no mundo é o modo próprio de ser do consagrado secular, de se tornar presente e de anunciar a salvação. Portanto, a condição existencial e sociológica de estar no mundo torna-se

12. Cf. *Primo Felicitate*, art. I.

13. Cf. *Cum Sanctissimus*, 9b.

14. Cf. *Perfectae Caritatis*, n. 11.

15. PAULO VI. *Alocução ao Congresso Mundial dos Institutos Seculares*. 26 de setembro de 1970.

16. *Ibid.*

realidade teológica, caminho para realizar e testemunhar a salvação.¹⁷ Constitui uma das dimensões importantes que caracterizam a secularidade, o respeito pela legítima autonomia do mundo, trabalhando para seu aperfeiçoamento e pela sua santificação, a fim de que as suas exigências sejam integradas na espiritualidade, na pedagogia, na ascética, na estrutura, nas formas externas e na atividade dos Institutos.

As necessidades e as possibilidades de ação no mundo são muitas. É natural que surjam diversas formas de realização desse ideal, não manifestadas e públicas: todas essas formas são possíveis aos Institutos Seculares e aos seus membros. A missão confiada aos Institutos Seculares é ser modelo de incessante impulso para a nova relação que a Igreja procura encarnar e servir ao mundo.¹⁸

Paulo VI considera como primeira e imediata tarefa colocar em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. Os consagrados seculares têm como campo próprio da atividade evangelizadora o mundo vasto e complicado da política, da realidade social, da economia, da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional e dos meios de comunicação. As relações sociais e o meio ambiente são formas particulares de colaboração com o advento do Reino dos Céus. Isso não quer dizer que os Institutos Seculares devam se ocupar diretamente dessas tarefas, isso cabe a cada um de seus membros.¹⁹

Paulo VI insiste em que os Institutos Seculares voltem às fontes e às suas inspirações primitivas para verificar a fidelidade própria e originária de cada Instituto. Convida os Institutos Seculares a refletirem sobre um modo próprio em que possam reviver o mistério de Cristo no mundo e manifestar o mistério da Igreja: “Qual é o vosso dom específico, vosso papel característico, *quid novum* que dais à Igreja de hoje?”²⁰

João Paulo II

João Paulo II vê na aprovação dos Institutos Seculares uma tendência espiritual da Igreja que reconhece a perfeição da vida cristã vivida em qualquer circunstância e situação existencial, pois a vocação à santidade é universal.

17. *Ibid.*

18. Cf. PAULO VI. *Alocução ao Congresso Mundial dos Institutos Seculares*. *L'Osservatore Romano*, ed. portuguesa, 29 ago. 1976, p. 66.

19. *Ibid.*

20. *Id.* *Alocução ao Congresso Mundial dos Institutos Seculares*. 29 de setembro de 1972.

Os Institutos Seculares, na sua vocação e missão, devem buscar a tensão entre a abertura objetiva aos valores do mundo moderno e o dom pleno do coração a Deus. João Paulo II reflete que a vocação do consagrado secular exige testemunho corajoso e coerente na missão de evangelização das culturas e dos povos.

Vós estais no centro do conflito que agita e divide o ânimo moderno, por isso podeis oferecer uma contribuição pastoral eficaz para o futuro, abrindo caminhos novos e de valor universal para o Povo de Deus.²¹

A autêntica secularidade, objetivo dos Institutos Seculares, reveste-se dos sentimentos de Cristo para ser sinal do seu amor no mundo. O consagrado secular deve promover as realidades da ordem natural, com o compromisso de fazer intervir os valores da fé, integrando-os harmoniosamente na vida. Assim, contribuirá para mudar o mundo, a partir de dentro, como fermento, colocando em prática as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes nas coisas do mundo.

João Paulo II aponta três condições de fundamental importância para a missão dos Institutos Seculares:

- 1ª) *Ser verdadeiros discípulos de Cristo* pelo radicalismo do compromisso em seguir os conselhos evangélicos. A consagração especial que conduz à sua plenitude a consagração do Batismo e da Confirmação deve impregnar toda a vida e todas as atividades cotidianas dos consagrados seculares, criando disponibilidade total diante da vontade do Pai que os colocou no mundo e para o mundo. Desse modo, a consagração será elemento de discernimento do estado secular, conservando a consciência da ambiguidade permanente que o acompanha. A consagração contesta as seguranças humanas, que são fruto do orgulho, e significa o mundo novo querido por Deus.
- 2ª) *Ser verdadeiramente competentes no saber e na experiência* para exercer o apostolado do testemunho e do compromisso para com os outros que impõem a consagração e a vida

21. JOÃO PAULO II. *Congresso Internacional dos Institutos Seculares*. 28 de agosto de 1980.

na Igreja. A competência é importante, no campo específico, por mais modesto e comum que seja, pois colabora na construção da sociedade e no serviço generoso aos irmãos.

- 3ª) *Mudar o mundo por dentro*. O Papa João Paulo II, com essa expressão, se refere a uma presença transformadora no mundo, através de uma contribuição pessoal para a realização dos desígnios de Deus na história. Os consagrados seculares estão inseridos no mundo, de pleno direito e não só pela condição sociológica, mas obrigados por essa inserção a uma atitude interior. Assim, conforme sua própria vocação e missão, os membros dos Institutos Seculares se empenharão para santificar o mundo, aceitando totalmente as exigências que derivam da legítima autonomia das realidades do mundo, dos seus valores e das suas leis.²²

Respeitando as suas características, os Institutos Seculares devem assumir as urgentes pastorais das Igrejas particulares, assegurando que seus membros participem da comunhão com a Igreja concreta, nas suas esperanças e inquietudes. O Papa João Paulo II considera que, se houver um revigoreamento nos Institutos Seculares, também as Igrejas locais se beneficiarão.

A experiência da busca e do encontro pessoal com Deus vivo é o que de mais precioso se tem para oferecer aos homens. A evangelização tem raiz na santidade e requer comunhão eclesial, começa dentro dos Institutos Seculares e se amplia na comunhão com o Povo de Deus. O mundo, marcado pela cultura da morte, também aspira aos valores do Espírito Santo, e os Institutos Seculares devem ser sinais do Deus vivo e artífices da cultura da solidariedade cristã.

O consagrado secular seja síntese de fé e vida, de Evangelho e de história humana, de consagração integral e de disponibilidade para servir a irmãos e irmãs neste mundo. João Paulo II incentiva os membros dos Institutos Seculares a tornarem-se testemunhas da fraternidade e amizade cristãs, hoje tão necessárias, especialmente nas grandes áreas urbanizadas.

22. Ibid.

Bento XVI

O Papa Bento XVI se encontrou com os representantes dos Institutos Seculares pela primeira vez em 3 de fevereiro de 2007, por ocasião do simpósio comemorativo aos sessenta anos da *Provida Mater Ecclesia*, em audiência na Sala Clementina do Vaticano.²³ O Papa iniciou seu discurso lembrando a data comemorativa e a configuração teológico-jurídica dessa constituição apostólica de Pio XII, que reconhece os Institutos Seculares como dom do Espírito Santo, o qual acompanha o caminho da Igreja para renová-la. Considera a *Provida Mater Ecclesia* como ponto de partida para delinear uma nova forma de consagração.

Bento XVI reflete que a inserção dos membros dos Institutos Seculares torna-se um lugar teológico pelo mistério da encarnação, porque a história da salvação se realizou dentro da história dos homens e não em contradição a ela. A realização do ato redentor aconteceu no contexto da história e no tempo, significando obediência ao desígnio inscrito na obra do Criador.

Bento XVI lembra Paulo VI, que falava dos Institutos Seculares como laboratório experimental da relação da Igreja com o mundo, estabelecendo o diálogo. Menciona a atualidade dos carismas dos Institutos Seculares, porque o discernimento acontece a partir do interior de uma realidade.

O lugar do apostolado dos Institutos Seculares é todo o humano, não só dentro da comunidade cristã, pois são chamados a testemunhar a antropologia cristã numa sociedade desorientada e confusa. Lembra que a Igreja precisa da vocação dos Institutos Seculares para o cumprimento da sua missão.

Sede semente de santidade lançada em abundância nos sulcos da história [...] Radicados na ação gratuita e eficaz com que o Espírito Santo está guiando as vicissitudes humanas, possais dar frutos de fé genuína, escrevendo com a vossa vida e com o vosso testemunho parábolas de esperança.²⁴

23. Cf. BENTO XVI. Semente de santidade lançada em abundância nos sulcos da história. *L'Osservatore Romano*, Cidade do Vaticano, 10 fev. 2007, p. 7.

24. CANVATE, Juan Manuel Cabezas. *Los Institutos Seculares; ser y quehacer*. Valencia: Edicep, 1999. p. 121-122.

Questões sobre a consagração secular nos Institutos Seculares

Após o Concílio Vaticano II e a realização do I Congresso Internacional dos Institutos Seculares, em 1970, houve um período de entusiasmo e muita esperança em relação aos Institutos Seculares. Entretanto, persistiram reserva e desconfiança pela dificuldade de compreensão, levantando-se dúvidas sobre a plena consagração numa vida secular.

A questão da consagração e secularidade ainda não está suficientemente clara. Alguns inclinam a Vida Consagrada Secular para a Vida Religiosa e outros para os leigos: assim se perde a verdadeira dimensão dessa vocação.

Como os Institutos Seculares podem ser *consagrados seculares*, parecendo unir vocações aparentemente antagônicas na Igreja?

O objetivo do I Congresso dos Institutos Seculares realizado em Roma (1970) foi elaborar uma síntese teológica da secularidade com princípios aceitos universalmente. Os elementos considerados essenciais dos Institutos Seculares são: a) a profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência; b) esses conselhos devem ter vínculo estável – professados mediante voto, promessa ou juramento – reconhecido e regulamentado pelo direito da Igreja; e c) a secularidade que se manifeste em toda a vida do membro de Instituto Secular. Essa tarefa difícil não chegou a um consenso comum, persistindo o questionamento: *em que consiste a característica da secularidade nos Institutos Seculares?*

A natureza laical dos membros de Institutos Seculares levantou questionamentos para os teólogos Karl Rahner e Von Balthasar.

Os conselhos evangélicos como princípio formal, específico e primeiro da vida dos membros dos Institutos Seculares, assumidos de forma permanente por vínculo sagrado, através dos votos, servem de argumento para Rahner sustentar que o mesmo ocorre na Vida Religiosa; portanto essas pessoas não podem ser consideradas leigas em sentido

teológico essencial, embora tenham uma vida aparentemente semelhante à dos leigos. Rahner conclui que a profissão dos conselhos evangélicos é religiosa quanto à substância, portanto há identidade entre a vida dos Institutos Seculares e os constitutivos da Vida Religiosa.²⁵

Von Balthasar considera que a nova teologia dos Institutos Seculares adapta duas formas que parecem contrapor-se de maneira extrema, mas que coincidem pela tendência, ou seja, uma que se retira, escatologicamente, do mundo para colocar-se a serviço da Igreja; a outra permanece no meio do mundo, em meio às realidades profanas. Afirma ser importante recuperar o valor dos conselhos evangélicos e da sua espiritualidade para uma plena personalidade da vocação cristã dos Institutos Seculares e passar a questão dos estados para segundo plano. Os estados eclesiais podem abrir-se em novas formas, conforme o curso do tempo, sem contrariar a forma originária fundada por Jesus Cristo, pois todas as formas de vida e estados existentes na Igreja são cristológicos, explicáveis e adequados como caminhos humanos. Considera que os Institutos Seculares não podem ser refletidos a partir de estruturas de estados existentes, mas exigem esforço teológico para ser pensados, como novidade de estado eclesial.

Von Balthasar focaliza como campo de tensão a escatologia e a encarnação. Os conselhos evangélicos têm o caráter escatológico de *fuga mundi* como seguimento de Cristo, vivendo a radicalidade da ética cristã. Assim, o *permanecer no mundo* é uma concessão a essa ética. Lembra que a ressurreição de Jesus Cristo não contradiz a sua encarnação, também a existência escatológica não significa voltar-se contra a história e a cultura, pois o mundo é lugar da missão cristã em nome do Ressuscitado, ao qual o mundo pertence na totalidade.

A encarnação que plantou a semente do Reino definitivo de Deus ganhou com a ressurreição todo o seu poder. Os votos sempre foram considerados como recuperação e ratificação radical do Batismo: pelos votos há morte e a ressurreição mística. A vida dos conselhos é espírito de totalidade

25. Ibid.

e não uma particularização: é um sair no seguimento do chamado de Cristo para salgar o todo.

A ideia de uma vida conforme os conselhos evangélicos no mundo não tem de parecer algo paradoxal, porque o radicalismo no seguimento de Cristo pode destacar mais o escatológico ou mais a encarnação. Assim, há quem viva os conselhos evangélicos assumindo mais a dimensão escatológica e, distanciando-se do mundo, vive com seus confrades ou coirmãs na comunidade que representa a *comunidade escatológica*, espécie de desterro voluntário, embora não tenham chegado à consumação escatológica. Há também quem escolha viver em meio ao mundo, pois o próprio Cristo viveu essa realidade, como trabalhador e como anunciador do Reino do Pai.

A renúncia de deixar tudo para seguir a Cristo é uma chamada especial, mas o *Fiat voluntas tua* tem de estar presente na vida de todo cristão como resposta que deve brotar do fundo do coração, manifestação do particular para o universal, na disposição de vida cristã, até mesmo para o martírio. Esse acontecimento pessoal, ato humano, torna-se existência eclesial, integrado ao *fiat* de Maria e da Igreja, no *fiat* da humanidade redimida.

Von Balthasar considera que no deserto do mundo os cristãos de Institutos Seculares são solitários no seu caminho, vivendo o Mistério. Na Igreja, o plano da ágape une a todos pelo preceito unitário do amor a Deus e ao próximo. Isso é decisivo para compreender os Institutos Seculares, no plano de organização da Igreja, como um novo estado eclesial reconhecido pela *Provida Mater Ecclesia*. A santidade e as categorias eclesiais de estado são uma expressão da misteriosa liberdade do Espírito Santo.²⁶ Von Balthasar conclui que o cristão que vive em Instituto Secular se distingue dos demais cristãos unicamente porque entregou a Cristo toda a sua existência por mediação da Igreja e ocupa, no mundo, o lugar onde deve trabalhar pelo Reino de Deus.

Os consagrados e as consagradas seculares são discípulos e discípulas de Cristo, “laboratório experimental em que a Igreja verifica as modalidades concretas das suas relações

26. BALTHASAR, H. U. von. *Ensayos teológicos II. Sponsa Verbi*. Madrid: Los Libros Dei Monograma, 1960. p. 507.

com o mundo”.²⁷ Essa nova forma de ser Igreja não realiza sua missão através de obras, mas das relações humanas, na perspectiva teológica da encarnação.

Os membros de Institutos Seculares vivem nas condições que favoreçam seu apostolado secular. “Vivem em condições ordinárias do mundo: sozinhos, em família ou em grupo de vida fraterna”,²⁸ conforme as Constituições, respeitando a secularidade. É importante colocar em evidência o pluralismo deste estilo de vida em razão do apostolado.

Nos Institutos Seculares predominam as vocações femininas, geralmente caracterizadas por mulheres definidas profissionalmente, que assumem a própria subsistência e a orientação das suas vidas. A grande maioria delas vive no meio urbano, principalmente nas grandes cidades. Assim, a vocação da consagrada secular traz um perfil da emancipação feminina que progride no mundo de hoje.

Desde o início, os Institutos Seculares tiveram o cuidado em se revelar como consagrados, e mesmo essa reserva está explícita em algumas Constituições, sob forma de segredo. A finalidade dessa reserva é a realização do apostolado, mas cabe o discernimento diante de cada realidade, sob a validade ou não de se manifestarem como consagrados.

Conclusão

Os Institutos Seculares devem ter a percepção de ser uma nova e original vocação que se expressa na consagração secular, como um dom reconhecido e acolhido pela Igreja, focalizando o seu essencial, isto é, um modo de viver o seguimento e discipulado de Jesus Cristo, no compromisso com a missão, pela causa do Reino. Dessa percepção, como vocação e missão, dependerá a vitalidade e a importância dos Institutos Seculares para descobrir novos caminhos no diálogo com a cultura secularizada.

A missão dos Institutos Seculares, portanto, consiste em responder ao processo de secularização cultural, como forma de relação da Igreja com o mundo atual, através dos carismas específicos de cada Instituto. Nessa missão, inúmeros

27. PAULO VI.
Alocução de 26 de agosto de 1976.

28. Código de Direito Canônico de 1983 (cân. 714).

são os desafios: a experiência cristã de Deus na dialética Modernidade/Pós-Modernidade, pós-humano, diálogo entre ciência e teologia, a ecologia e suas questões, a globalização mundial em seus vários vértices, o pluralismo cultural, a ética e a tecnologia, a mulher nesse espaço cultural. Enfim, outros tantos desafios que aparecem no horizonte deste novo mundo, de novos paradigmas, exigindo um esforço hermenêutico para a compreensão e resposta cristãs.

A sensibilidade para leitura do contexto histórico e social deve estar presente nos Institutos Seculares, como atualização do próprio carisma. Isso exige dos membros uma experiência de Deus em meio às atividades cotidianas, uma boa formação teológica para discernimento dessa realidade, como também formação profissional, pois o campo primeiro desse apostolado é a partir da própria profissão.

Jesus Cristo armou sua tenda entre nós pela sua encarnação (Jo 1,14): esta é a fundamentação da mística e a espiritualidade dos Institutos Seculares. Na consagração secular está presente o ser contemplativo no meio do mundo, rezando a partir das situações vividas, iluminadas pela Palavra do Senhor e, na escuta de Deus, no tumulto das cidades. A Vida Consagrada secular pode sinalizar ao mundo o encontro pessoal com Deus através da grande tenda (*Shekiná* = Tenda da Presença de Deus) que envolve a criação e que também está no coração humano, assim como, no desencanto desértico do niilismo, apontar para a esperança cristã e a beleza de Deus, refletida na sua criação.

A experiência de Deus-Trindade, “Tenda do Encontro com o Mistério” no coração do consagrado, leva ao sentido existencial da sua vocação e missão.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. A compreensão sobre a vocação e a missão dos Institutos Seculares parte da reflexão sobre sua identidade como “nova e original” vocação na Igreja. Justifique essa afirmação.
2. A vocação dos Institutos Seculares tem como missão o mundo em processo de secularização. No contexto cultural em que se vive, quais os desafios e as possibilidades dessa missão se realizar, considerando o carisma específico de um determinado Instituto?
3. Na missão do(a) consagrado(a) secular, uma das dificuldades é manter o vínculo de pertença ao Instituto, no sentido de não perceber a sua própria missão como ligada ao projeto comum, e que esse parte de uma caminhada eclesial. Quais os critérios formativos para o(a) consagrado(a) secular realizar seu trabalho profissional, como ponto de partida para a missão e como expressão do carisma e finalidade apostólica do seu Instituto?
4. Como cultivar a experiência de Deus, no estilo de vida, conforme a consagração secular? Quais os caminhos ou descaminhos para essa experiência?

Pan-Amazônia: de “quintal” a “praça central do planeta”. Qual é nossa missão profética?

FERNANDO LÓPEZ, SJ*
 LAURA VALTORTA, MDI**
 ARIZETE MIRANDA DINELLE, CSA***
 (MEMBROS DA EQUIPE ITINERANTE DA AMAZÔNIA¹)

Introdução

Na atual conjuntura histórica – nova e crítica – em que vivemos, a Pan-Amazônia abre uma nova e crucial discussão geopolítica sobre o futuro da humanidade e do planeta, sobre os modelos de articulação regional da América Latina e de todo o mundo. Uma articulação baseada em novos paradigmas de relação sistêmica e reciprocidade socioambiental, que teça a biodiversidade sociocultural-ambiental e a justiça socioambiental, em uma perspectiva sustentável e sustentada.

Não se pode mais pensar, nem viver, o ser humano sem o sentido profundo de reciprocidade e corresponsabilidade socioambiental e cósmica nas quais foi criado. É preciso superar as visões economicistas de integração fragmentárias, centradas exclusivamente no modelo de mercado único, capitalista e neoliberal, que explora e arruína tudo e todos, que beneficia alguns e exclui as maiorias, que pensa somente em lucrar hoje sem pensar nas gerações de amanhã, que substitui o Deus da Vida pelo ídolo do dinheiro.

Como religiosos(as), leigos(as) e comunidades cristãs missionárias na Pan-Amazônia, temos uma palavra a dizer e um testemunho de vida profético e político – como busca do bem comum – a oferecer. Ser semente e fermento, signos e sinais do projeto de Vida Abundante que Deus quer para toda a criação, para todos e para o amanhã – não só para alguns e para o hoje.

* **Padre Fernando López** é jesuíta,
E-mail: flopez@argo.com.br.

** **Irmã Laura Valtorta** é religiosa Missionária da Imaculada (PIME). **E-mail:** lauravaltorta@gmail.com.

*** **Irmã Arizete Miranda Dinelle** é religiosa da Congregação de Nossa Senhora. **E-mail:** arizete78@yahoo.com.br.

1. A Equipe Itinerante da Amazônia (<www.amazoniaitinerante.blogspot.com>) nasce em Manaus, Amazônia brasileira, em 1998, com a intuição e apoio do Padre Claudio Perani, sj. É um espaço itinerante e interinstitucional de serviço aos povos, organizações, Igrejas, comunidades e grupos da Pan-Amazônia.

A Pan-Amazônia, seus povos e os processos atuais que vivem

Pan-Amazônia

A Pan-Amazônia abrange uma superfície de 7,5 milhões de km². Está dividida em oito países da América do Sul, mais a Guiana Francesa.² Representa 43% da superfície da América do Sul. O rio Amazonas tem mais de mil e cem afluentes principais e uma infinidade de riachos, com os quais compõe a rede fluvial mais extensa do mundo – com mais de 25 mil quilômetros navegáveis. A região Amazônica concentra 20% da água doce não congelada do planeta, que deságua no Atlântico, ajudando a regular o equilíbrio sistêmico do oceano. O bioma amazônico não é “uniforme”. É um gigantesco arquipélago de ecossistemas riquíssimo em biodiversidade. Nele se concentra 34% da mata virgem do planeta, que abriga entre 30% e 50% da fauna e flora do mundo. Estima-se que a Amazônia capta entre oitenta e cento e vinte milhões de toneladas de carbono por ano. Este imenso jardim amazônico, cuidado por uma enorme diversidade de “jardineiros” (seus povos tradicionais), é fundamental para o equilíbrio climático e sistêmico do planeta e, conseqüentemente, para o presente e o futuro da humanidade.

Povos tradicionais da Pan-Amazônia

A população atual da Pan-Amazônia está estimada em quarenta milhões de habitantes, dos quais três milhões são indígenas, distribuídos em aproximadamente quatrocentos povos que falam duzentos e cinquenta idiomas diferentes pertencentes a 49 famílias linguísticas (as mais numerosas são: Aruak, Karib e Tupi-Guarani). Ademais, são milhares as comunidades de afrodescendentes (só na Amazônia brasileira, mais de mil) e um sem-número de comunidades ribeirinhas, mestiças e “caboclas”, migrantes, colonos, agricultores e moradores das cidades amazônicas. Tão significativa diversidade sociocultural e linguística é consequência da capacidade de

Atualmente, está formada por dezoito pessoas (leigos[as], religiosos[as]) de onze Instituições/grupos: jesuítas; Congregação de Nossa Senhora (CSA); Conselho Indigenista Missionário (CIMI); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Comunidade Bidari; Providência de Gap; Catequistas Franciscanas; Mínimas da Paixão; Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social (SARES); Missionárias da Imaculada (PIME); Cordimarianas. A intenção fundamental é que juntos podemos responder aos grandes desafios que, sozinhos, cada um por si só, não poderíamos.

adaptação humana ao riquíssimo e diverso bioma amazônico. A diversidade socioambiental da Amazônia é uma enorme riqueza para a humanidade e para a vida do planeta, é expressão do rosto diferente (trinitário) de Deus, sua unidade só pode ser pensada e articulada na diversidade.

As investigações arqueológicas indicam que a presença humana na região Amazônica é de onze mil anos, muito mais antiga que a recente chegada europeia – há apenas quinhentos anos. Ao longo de todo o tempo anterior à colonização, os povos indígenas utilizavam os recursos naturais de forma sábia e equilibrada, em íntima reciprocidade com o meio ambiente em que viviam. Não depredavam, contribuíam com o enriquecimento da biodiversidade levando espécies de um lugar para outro em seus contínuos deslocamentos dentro da região.

O “descobrimento” europeu do século XV (“encobrimento”, nas palavras de Dom Pedro Casaldáliga) iniciou um dramático processo de depredação dos recursos naturais, escravidão e extermínio dos povos indígenas da região. Para alguns historiadores, trata-se de uma das maiores catástrofes demográficas da história recente. Estima-se que de mais de cinco milhões de indígenas de novecentas etnias, em 1500, passou-se a alguns centos de mil cinco séculos depois.³

O extermínio continuou nos séculos XIX (final) e XX (primeira metade) com a exploração da borracha.

Às margens dos rios navegáveis, aonde pudesse chegar uma canoa a remo, as aldeias eram assaltadas, incendiadas – e sua população, liquidada. Grupos de índios expulsos de seus territórios perambulavam pela selva sem paradeiro. Para qualquer lado que se dirigissem encontravam grupos de recolhedores de borracha e outras resinas, dispostos a exterminá-los.⁴

Grandes projetos na Pan-Amazônia e impactos socioambientais

Hoje, a depredação amazônica e a violência contra os povos indígenas e tradicionais da região continuam com os

2. Brasil (67%); Bolívia (11%); Peru (13%); Equador (2%); Colômbia (6%); Venezuela (1%); Guiana; Suriname; e Guiana Francesa (todas as Guianas: 0,1%).

3. PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. *Esta terra tinha dono*. CEHILA POPULAR/CIMI/FTD, 1992.

4. RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*; a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis: Vozes, 1978.

novos ciclos de extração e, sobretudo, com os grandes projetos de “desenvolvimento” que se estão impondo na região (IIRSA e PAC).⁵

O IIRSA nasceu em uma reunião dos presidentes da América Latina realizada em Brasília no ano 2000. Acor-daram gerar um processo de integração política, social e econômica, desenvolvendo a infraestrutura de transporte, de energia e comunicação em todo o continente, e criar novos corredores de exportação para reduzir os custos de transporte, alcançando, assim, uma maior competitividade nos mercados mundiais. O compromisso entre os governos prevê um conjunto de quinhentos e dez projetos, organizados em 47 planos para articular dez eixos modais de integração latino-americana. O custo estimado em 2009 foi de US\$ 74.500 milhões, financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Corporação Andina de Fomento (CAF), Fundo Financeiro de Desenvolvimento da Bacia do Rio da Prata (FUNPLATA), Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco Europeu de Investimentos (BEI) e Banco Mundial.

A região que será (já é!) mais afetada pelo IIRSA é a Pan-Amazônia: dos dez eixos IIRSA, cinco a afetam diretamente. Na região Amazônica os interesses econômicos internacionais são maiores do que a causa das riquezas do solo e subsolo, da biodiversidade, da água doce etc. E para extrair as riquezas da região e exportar mercadorias a baixo custo de um oceano ao outro (Atlântico-Pacífico-Caribe) são implementadas estradas transoceânicas e hidrovias associadas a hidroelétricas que cortam a Pan-Amazônia tanto no sentido leste-oeste como no sentido norte-sul. Os impactos socioambientais na região serão (já são!) gravíssimos, assim como a pressão sobre os marcos legais da regulamentação ambiental e, sobretudo, a pressão sobre os direitos territoriais dos povos tradicionais (indígenas, ribeirinhos, afrodescendentes etc.) conquistados com muita luta e sofrimento nas últimas décadas.

Os grandes projetos na Pan-Amazônia provocam dois impactos fortíssimos de “mobilidade humana”. Por um lado, as grandes obras requerem e atraem rapidamente um grande

5. Projeto de Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA). Disponível em: <www.iirsa.org>. A versão brasileira deste projeto é o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Disponível em: <www.brasil.gov.br/pac>.

número de migrantes trabalhadores que chegam, em sua maioria, de outras regiões não amazônicas, e que trazem consigo outra visão de mundo e de relação com a Mãe Terra. Muitas vezes esta população entra em choque com os povos tradicionais da região, que têm outra cosmovisão e modos de relação com a Mãe Terra. Por outro lado, os grandes projetos também geram fortes impactos socioambientais que deslocam os povos tradicionais, fazendo deles “refugiados ambientais”. Todos esses processos colocam em risco o equilíbrio sistêmico socioambiental do bioma amazônico com suas implicações e consequências para todo o planeta e a humanidade.

Em 2007, o Brasil lançou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), versão brasileira do IIRSA. E neste ano de 2010 iniciou o PAC II, que está sendo chamado de Plano de Aceleração para a Copa do Mundo e que prevê melhorar as obras de infraestrutura, transporte público e turismo nas cidades que serão sede do Mundial de Futebol. O que não se conta são as consequências desta “Aceleração da Copa”. Por exemplo: na cidade de Manaus (coração da Amazônia brasileira), já começou “a limpeza de pobres” do centro da cidade, que são expulsos para as periferias distantes. Isto se chama “maquiagem social”.

Com o IIRSA e o PAC a história se repete: a Amazônia continua sendo pensada a partir dos interesses “de fora” e não a partir dos interesses “de dentro”, dos povos amazônicos. Os que detêm poder econômico e político (nacional e internacional) são os que decidem buscando somente seu próprio benefício. Resultado de tal visão externa e de todo esse “desenvolvimento forâneo”: a Pan-Amazônia é devorada por empresas madeireiras e fabricantes de papel, por companhias petrolíferas, mineradoras e farmacêuticas, por empresas do agronegócio, por hidroelétricas, por hidrovias e grandes estradas que cortam a selva e os territórios dos povos tradicionais que nela habitam. A tudo isso é preciso somar as máfias do narcotráfico, que se adonam da região e controlam um exército de pistoleiros e mercenários dispostos a qualquer coisa. Lamentavelmente, a resposta imediata dos Estados é a militarização da Amazônia.

É importante destacar que esta lógica desenvolvimentista sobre a região tem como imaginário social considerar a Pan-Amazônia uma “terra vazia” ou “terra de ninguém”. Os problemas e conflitos sociais de outras regiões do continente se solucionam empurrando os pobres para a Amazônia. A lógica é perversa, porque se acaba colocando “pobres contra pobres”, pobres migrantes, colonos e assentados (forâneos) contra indígenas, ribeirinhos e povos tradicionais da região. Jogar “pobres contra pobres” para ver se eles se eliminam entre si e acabam todos...! Essa sutil politicagem de extermínio é terrível! Chamamos a atenção para o fato de em todo esse processo os mais atingidos e frágeis serem os “povos indígenas em isolamento”:⁶ dos cem grupos humanos (“restos de povos”) que existem no mundo sem contato com o Ocidente (porque se deram mal nesta violenta relação), uns 85 estão na Pan-Amazônia – e destes 75 estão na Amazônia brasileira. Muitos deles a ponto de serem exterminados pelos grandes projetos e frentes de “desenvolvimento”.

Resumindo: a Amazônia deixou de ser “quintal” e se transformou em “praça central do planeta”, cobiçada e disputada. Passou a ser uma importante carta política e econômica de negociação entre as grandes potências, e uma das primeiras regiões de maior interesse estratégico para a humanidade, disputada pelos países mais poderosos. A biodiversidade com as novas fontes energéticas a ela vinculadas, a água doce, os princípios ativos, a engenharia genética, os minerais estratégicos etc. são objeto de disputa entre as grandes potências do mundo. Os impactos socioambientais que provocam sobre a vida dos povos indígenas e comunidades tradicionais da região e a depredação de seus recursos naturais não contam para nada!

“Ninguém pode servir a dois senhores: [...] a Deus e ao Dinheiro” (Mt 6,24)

Em sua recente visita à Alemanha (maio de 2010), o líder e xamã Davi Kopenawa, do povo indígena Yanomami,⁷ afirmou contundentemente aos meios de comunicação:

[...]

Para vocês, na cidade, na Alemanha, do jeito que vocês escolheram, é bom para vocês. Mas para mim, como sou liderança tradicional – que nunca vi, nunca sonhei com a cidade cheia de luz, cheia de pedra, cheia de carro –, eu acho muito triste. Porque não tem nada. Não tem nada que nasceu na terra, pássaros, animais, araras, as árvores tradicionais, não tem nada. Tudo é desmatado. Rio de Janeiro e São Paulo, ali é Brasil, mas é a mesma coisa, essa mesma doença que foi daqui para invadir o nosso Brasil. A mesma coisa de destruição.

[...]

Eu acredito que a Terra está brava com o homem branco. Porque o homem da cidade, ele não quer deixar em paz, não quer deixar viver, como ele viveu. O homem da cidade gosta de pensar em tirar aquilo que vale para ele. É muito grande a ganância dele. O jogo dos políticos é muito antigo. Nós, indígenas, falamos com o governo federal e também com o governo daqui da Europa, falamos da invasão da nossa terra. Mas eles não escutam porque eles precisam tirar mais mercadorias, tirar e negociar com outro país.⁸

[...]

Por que essa denúncia tão forte contra o homem branco? Kopenawa tem a dolorosa experiência vivida por seu povo na década de 1980. A região Yanomami foi invadida por mais de vinte mil garimpeiros, que causaram a depredação de seu território, doenças, violência e quase o extermínio dos Yanomami. O problema é que, três décadas depois, em nossos dias, a história de abuso e exploração da Mãe Terra pelo homem branco continua...

A Campanha da Fraternidade Ecumênica deste ano (2010),⁹ do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conic), do qual faz parte também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), trabalha o tema “Economia e Vida” com o lema “Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro” (Mt 6,24). As Igrejas do Brasil convidam a refletir e posicionar-se sobre o atual sistema econômico que subordina as pessoas, os povos e a natureza à ganância econômica deste modelo depredador. O dinheiro se converteu no deus ao qual toda a criação tem de imolar. Por que as Igrejas do

6. Sobre indígenas em “isolamento”, “povos isolados”: CIMI – <www.cimi.org.br>; CTI – <www.trabalhoindigenista.org.br>; Funai – <www.funai.gov.br>; Survival – <www.survivalinternational.org>.

7. Os Yanomami vivem em um grande território contínuo que se estende entre Brasil e Venezuela, ao longo da serra Parima, divisor de águas entre o rio Amazonas e o rio Orinoco.

8. DEUTSCHE WELLE. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5564758,00.html>>. Acesso em: 13 maio 2010.

9. Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Campanha da Fraternidade 2010. Disponível em: <www.conic.org.br>; <www.cnbb.org.br>. Acesso em: 17 maio 2010.

Brasil nos convidam a refletir e a posicionar como cristãos diante desta crucial encruzilhada?

Os indígenas Yagua, para citar um exemplo, foram transferidos, no final do século XIX, da Amazônia colombiana à peruana para trabalhar como “escravos” – na borracha, depois no ouro, nas peles etc. E hoje continuam sendo explorados pelas empresas madeireiras. “A história se repete, as grandes empresas e alguns enriquecem; e nós, cada dia mais pobres e doentes... Acaso se pode comprar ou vender a terra, a água, o ar, o sol... que Deus deu para todos?”, comentava um velho líder Yagua que sobrevivera a todos esses ciclos de exploração.

Não foi esta, por acaso, a denúncia dos bispos latino-americanos em Aparecida: Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. [...] (DAP, n. 90).

Por todo este atropelo histórico e violência que têm sofrido e sofrem até hoje, os próprios indígenas questionam “o Deus do homem branco”: Tajy Poty, velho xamã Kokama,¹⁰ disse durante um encontro de xamãs: “Será que Tupã (Deus em tupi) se equivocou ao criar a nós, povos indígenas da Amazônia? Será que o Deus dos brancos é o Deus forte, e o nosso Tupã é um Deus fraco?”. Depois de breve silêncio, Tajy Poty continuou fazendo uma interpretação crítica e irônica do mito cristão da criação para questionar-nos a todos os que estávamos ali presentes:

Deus pegou barro branco e modelou com muito carinho e cuidado duas figuras humanas. Soprou sobre elas e lhes deu vida. Criou o homem e a mulher brancos bonitos e poderosos. Depois Deus ficou com as mãos sujas de barro e as sacudiu. As pelotilhas que caíram somos nós, os povos indígenas.

E concluiu: “Será verdade que Deus nos criou assim?”.

Qual é a imagem de Deus que nós, ocidentais, transmitimos aos povos indígenas da Pan-Amazônia? O empresário madeireiro ou petroleiro, o assentado e o agroindustrial

10. O povo indígena Kokama se estende ao longo do rio Amazonas, tanto no lado peruano como no brasileiro (onde o rio é chamado Solimões).

– que depredam uma determinada região amazônica e exploram os povos tradicionais que nela vivem – são os “patrões bonzinhos” que constroem a capela, compram o santo, oferecem-lhe velas... são os primeiros que rezam, como anfitriões da festa patronal, doam uma vaca e umas caixas de cerveja para que todos possam comer e beber... E, algumas vezes, o vigário abençoa tudo isso...

É por isso que Maika, mulher guerreira Ticuna,¹¹ em uma reunião, disse: “Vocês dizem que nós não somos nem civilizados nem cristãos, mas se isso é ser civilizado e cristão, nós não queremos sê-lo”. A pergunta se repete: qual é a imagem de Deus que transmitimos aos povos da Amazônia com nosso estilo de vida e missão, com nosso compromisso?

Em Aparecida, nossos pastores questionam e denunciam profeticamente toda esta situação:

[...] Com muita frequência se subordina a preservação da natureza ao desenvolvimento econômico, com danos à biodiversidade, com o esgotamento das reservas de água e de outros recursos naturais, com a contaminação do ar e a mudança climática. [...] (DAP, n. 66).

Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas como se fossem uma mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências. [...] (DAP, n. 84).

O próprio Papa Bento XVI, em seu discurso aos jovens no Estádio do Pacaembu (São Paulo, 2007), denuncia fortemente a “devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade humana de seus povos” (DAP, n. 85).

Os bispos do Brasil (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB]), em sua recente visita *ad limina* (abril/2010), apresentaram ao Papa a grave situação da Amazônia. Dom Erwin Kräutler, bispo do Xingu (Amazônia brasileira) e presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), comenta sobre esse importante encontro com o Papa:

11. O povo Ticuna estende seu território ao longo do rio Amazonas (Solimões, no Brasil). Suas comunidades estão no Peru, na Colômbia e no Brasil.

Eu mesmo fui recebido pelo Papa no dia 16 de abril, dia de seu aniversário de nascimento, e, “aproveitando o gancho”, deixado por Dom Esmeraldo, expliquei ao Papa toda a problemática que a hidroelétrica de Belo Monte trará para os povos do Xingu, se o projeto realmente for executado. Aproveitei para entregá-lhe em mãos o texto que eu havia preparado para a entrevista à imprensa. Posso revelar que nossa angústia sobre o futuro da Amazônia e, de modo especial, de nossos rios Tapajós e Xingu, tocaram profundamente o Papa.¹²

Nosso modelo ocidental de desenvolvimento subordinou o político ao econômico. A busca do bem comum à busca de ambição e ganância de uns poucos. É mentira afirmar que os países do sul chegarão, um dia, aos mesmos níveis de vida e consumo dos países do norte. Os níveis de bem-estar econômico dos países do norte não são universalizáveis para toda a humanidade, muito menos para o amanhã, para as futuras gerações. O planeta não suporta tanta exploração-depredação. Em vez de se propor um consumismo universal (falso e impossível), é preciso propor “austeridade universalizável”, como projeto de vida para todos e para que as gerações futuras também possam desfrutar desta terra. Essa é a proposta do “bem viver”,¹³ dos projetos de vida milenares dos povos indígenas do continente.

Há doze anos a Equipe Itinerante da Amazônia trata de aprender junto aos povos amazônicos (indígenas, ribeirinhos, camponeses, moradores das periferias urbanas etc.). Muitas vezes escutamos nossos irmãos indígenas nos dizerem: “Queremos oferecer-lhes nossa sabedoria, nossa palavra antiga... Mas parece que vocês, os brancos, não ouvem ou não entendem...”. Com nossa lógica ocidental – linear e fragmentada –, custamos muito entender sua palavra. É importante saber “atravessar a fronteira” e mudar de “espaçotemporalidade” para poder encontrar-nos com nossos irmãos indígenas e entender sua palavra, escutá-los atentamente para reaprender a “pensar com o coração” – que “tem razões que a razão desconhece”.

Muitas vezes encontramos em diferentes aldeias mulheres indígenas que, além de amamentar seu bebê, amamentavam

12. Entrevista de Dom Erwin Kräutler a Nathana Simões, do jornal *Voz de Nazaré*, de Belém, Pará, Brasil, 3 maio 2010. Disponível em: <<http://xingu-vivo.blogspot.com/2010/05/incansavel-dom-erwin-krautler-diz-que.html>>.

13. “Sumak Kawsae”, palavras quetchua que expressam a cosmovisão do “bem viver” que têm os povos indígenas da América. O conceito de “bem viver” está em oposição ao de “viver melhor”. O “bem viver” propõe um modelo de vida e de desenvolvimento mais justo, mais sustentado e sustentável, mais socioambiental e ecológico. Tal visão só se realiza coletivamente.

também um filhote de macaco, ou de cervo, ou de javali... Uma senhora Kokama, que amamentava um filhote de veado, com paciência e carinho nos ofereceu sua palavra sábia para que entendêssemos:

Meu marido saiu cedo para caçar com outros caçadores da aldeia. O único animal que encontraram foi uma mãe veado com seu filhote. Tiveram de sacrificá-la, porque era tarde, e tinham de trazer algo para comer. Se tivessem encontrado algum outro animal, não teriam sacrificado a mãe veado. Mas trouxeram também o filhote. Não o abandonaram. Porque, assim como a mãe veado se sacrificou para alimentar meus filhos, eu tenho de alimentar seu filhote para que amanhã meus filhinhos e seus filhinhos continuem se ajudando.

Totorixiu Yanomami veio à cidade de Manaus para um encontro. Ficou impressionado com a magnitude da cidade de *napë* [branco], Manaus (dois milhões de habitantes), onde tinham destruído toda a vegetação. Mas muito mais perplexo ficou quando escutou os brancos se queixando do calor que sentiam na cidade grande. Brevemente comentou: “*Napë* [branco] não entende. Para construir sua cidade, derrubam todas as árvores. E depois se queixam do calor... Nós, os Yanomami, construímos nossa *xapona* (aldeia) em meio às árvores. Tiramos somente as árvores necessárias... Nós as cuidamos, e elas nos protegem do calor.

Não é por acaso que em Aparecida os bispos latino-americanos reconhecem especialmente os povos indígenas pelo muito que nos ensinam: [...] [A Igreja] valoriza especialmente os indígenas por seu respeito à natureza e pelo amor à Mãe Terra como fonte de alimento, casa comum e altar da partilha humana (*DAP*, n. 472).

Qual é nossa missão profética na Pan-Amazônia?

Aparecida dá uma linha de ação geral fundamental: “Criar nas Américas consciência sobre a importância da

Amazônia para toda a humanidade” (*DAP*, n. 475). E não só nas Américas, mas em todo o mundo é preciso criar consciência da importância da Amazônia para o equilíbrio sistêmico do planeta. Por outro lado, consequente e corresponsavelmente com essa visão, nossos pastores nos convidam a [...] Apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja que vive na Amazônia, para que continue proclamando o evangelho da vida [...] (*DAP*, n. 475).

A Amazônia é importante para toda a humanidade e o planeta, por isso todos precisamos unir esforços nesta causa comum. Precisamos assumir uma perspectiva mais sistêmica em nossa vida e missão: uma visão mais global que oriente nossa ação mais local; uma ação local que ajude a enfrentar os grandes desafios globais. Uma missão mais “glo-cal” (articulação *global-local*). Isso exige que aprendamos e desenvolvamos um pensamento mais simbólico e holístico, uma lógica mais circular e conectada, menos linear, mais feminina e integral, como a que têm os povos tradicionais da Amazônia e os povos orientais.

Como Vida Religiosa, como missionários(as) leigos(as) e como comunidades cristãs inseridas na Pan-Amazônia, somos chamados a ser signo e sinal do Reino, luz e fermento (cf. Mt 5,14; 13,33), grão de mostarda (cf. Mc 4,31), sementes de vida do Deus da Vida Abundante (cf. Jo 10,10). Não nos compete substituir os Estados (em matéria de educação, saúde etc.), mesmo que muitas vezes desempenhem essa função subsidiária. Somos chamados a ser profetas e profetizas que anunciam o Deus da Vida e denunciam os ídolos de morte, mesmo que nos custe a vida.

Diante dos grandes e cruciais desafios que vivem hoje a Pan-Amazônia, a humanidade e o planeta, apontamos algumas pistas que possam ajudar a questionar, despertar, inspirar, iluminar e discernir nossa vida e missão, nosso compromisso profético nesta estratégica região do planeta.

Três perguntas fundamentais

Com quem Deus nos convida a empenhar nossa vida e missão aqui na Pan-Amazônia?

Discernir e responder a esta pergunta exige muita atenção e escuta ao clamor dos povos pan-amazônicos: indígenas, ribeirinhos e os excluídos das periferias urbanas etc. É preciso “baixar” e ir ao encontro para “ver com olhos divinos”, escutar e sentir profundamente a Amazônia e seus povos. Escutar o grito da Mãe Terra e o grito de seus filhos e filhas. É preciso buscar e aprender com eles caminhos de solução para os grandes desafios que temos, a partir de suas experiências milenares e projetos políticos sustentáveis de vida. É fundamental abandonar-nos com decisão e confiança no Espírito, entrarmos no caminho da encarnação e inculturação, do diálogo intercultural e inter-religioso.

Aparecida nos convida a contemplar os rostos e a fixar nosso olhar sobre os novos rostos de excluídos (*DAP*, n. 64, 393, 402, 407-430). Adverte-nos que alguns rostos estão ameaçados de extinção: indígenas e afrodescendentes (*DAP*, n. 90). E dever-se-ia acrescentar os “povos indígenas em isolamento”, que hoje estão gravemente ameaçados de extinção pelo avanço implacável do atual modelo econômico de desenvolvimento. E, além de todos esses rostos humanos, é preciso fixar nosso olhar sobre o rosto da Mãe Terra (da qual dependem todos os outros rostos), que está sendo gravemente violentada a ponto de depredá-la e matar a própria possibilidade de vida nela (*DAP*, n. 83-87, 125-126, 472, 474, 491).

Muitas vezes esses rostos de empobrecidos e excluídos em sua luta pela sobrevivência acabam sendo sutilmente manipulados pelo sistema e enfrentados entre si. É a diabólica lógica de jogar pobres contra pobres para ver se se acabam todos: povos tradicionais da Amazônia *versus* migrantes, assentados e colonos forâneos. Como ajudar nos processos de reconciliação e solução não violenta de conflitos entre esses sujeitos históricos empobrecidos e excluídos? Como construir uma grande aliança entre eles para enfrentar este

perverso sistema? Como articular nossa missão para ajudar a construir este grande “Povo de Deus”?

Aparecida nos interpela:

[...] A criação também é manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos. [...] “Nossa irmã a Mãe Terra” é nossa casa comum e o lugar da aliança de Deus com os seres humanos e com toda a criação. [...] (DAP, n. 125).

E insiste sobre a urgente necessidade do *cuidado com o meio ambiente*:¹⁴

Como discípulos de Jesus, sentimo-nos convidados a dar graças pelo dom da criação, reflexo da sabedoria e beleza do *Lógos* criador. No desígnio maravilhoso de Deus, o homem e a mulher são convocados a viver em comunhão com ele, em comunhão entre eles e com toda a criação. O Deus da vida confiou ao ser humano sua obra criadora para que “a cultivasse e a guardasse” (Gn 2,15) [...] (DAP, n. 470).

Insistimos: todos esses rostos estão estreitamente inter-relacionados, entre eles e com a Mãe Terra (princípio de reciprocidade), mesmo que muitas vezes esta inter-relação seja muito conflitiva.

Onde estão os mais excluídos, empobrecidos e diferentes desta Amazônia? Onde estão as feridas mais abertas?

Nas fronteiras geográficas e/ou simbólicas

As fronteiras, geográficas e/ou simbólicas, desta imensa região pan-amazônica são lugares privilegiados da revelação do Deus desconcertante e surpreendente, encarnado em múltiplos rostos, diverso e plural, uno e trino, profundamente presente nas distintas realidades amazônicas.

Em nível geográfico, as fronteiras pan-amazônicas são regiões estratégicas que dividem-conectam oito países (mais a Guiana Francesa) do bioma amazônico. Nas fronteiras se manifestam com maior evidência as “feridas”, os limites e contradições do sistema. Nelas os Estados chegam menos, e

14. Documento de Aparecida, “9.8 O cuidado com o meio ambiente”, n. 470-475.

as máfias são as que mandam... Mas fronteira também significa “estar em frente” (*frontis*) do outro. As fronteiras são possibilidades de encontro com o outro diferente. Por isso, nelas se abrem novas e criativas possibilidades. As fronteiras nos permitem confrontar-nos com outras perspectivas, identificar, aprender e comparar os processos que ocorrem em um e outro lado delas, para construir novos caminhos que deem uma maior unidade à nossa missão na região pan-amazônica.

Na atual configuração de Estados Nacionais da Pan-Amazônia, identificamos sete tríplexes fronteiras,¹⁵ além de vinte duplas fronteiras. Todas essas regiões são altamente estratégicas para realizar nossa missão comum, com projetos pastorais conjuntos que sejam sementes do Reino de Justiça e Vida Abundante, para os povos amazônicos, para a humanidade e o planeta.

No nível simbólico, compreendemos as fronteiras como aquelas realidades diferentes que nos convidam a sair de nós mesmos e ir mais adiante: os povos tradicionais da Amazônia com suas culturas diferentes, os excluídos e empobrecidos, as situações de violência e violação de direitos, todas aquelas realidades nas quais as feridas estão mais abertas, a vida mais ameaçada, os direitos socioambientais violentados, a humanidade e a Mãe Terra mais agredida e devastada.

Uma das “fronteiras” mais alarmantes é a urbanização (ou “des-humanização”?) acelerada da Amazônia, com o consequente esvaziamento demográfico do interior. Em nossos dias, já 70% da população da Pan-Amazônia vive nas cidades. A falta de políticas públicas para o interior (educação, saúde, trabalho, infraestrutura etc.) tem empurrado a população para os cinturões de miséria das cidades amazônicas. Muitos analistas sustentam que tal política e tal modelo de desenvolvimento (esvaziar o interior e inchar as cidades amazônicas) é imposto sutilmente pelo grande capital das empresas (nacionais e transnacionais). Elas querem esvaziar todo o interior amazônico para poder explorar os recursos naturais do

15. As sete tríplexes fronteiras amazônicas são:

- 1) Bolívia-Peru-Brasil,
- 2) Peru-Colômbia-Brasil,
- 3) Peru-Ecuador-Colômbia,
- 4) Brasil-Colômbia-Venezuela,
- 5) Brasil-Venezuela-Guiana,
- 6) Brasil-Guiana-Suriname e
- 7) Brasil-Suriname-Guiana Francesa.

riquíssimo bioma sem ter de manchar suas mãos de sangue nem desgastar-se em conflitos sociais. Temos de nos opor a tal política e a tal modelo de desenvolvimento e ajudar para que as comunidades se fixem no interior. Temos de contribuir com nosso pequeno e profético grão de areia, buscando e propondo alternativas junto aos povos tradicionais da região para que possam viver com dignidade no interior.

As fronteiras amazônicas são lugares privilegiados para implementar as importantes orientações que os bispos dão em Aparecida: [...] Estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos, que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum (*DAP*, n. 475). E insistem: [...] Convidamos os Episcopados de países envolvidos nos diferentes sistemas de integração sub-regionais, inclusive os da Bacia Amazônica, a estreitar vínculos de reflexão e de cooperação [...] (*DAP*, n. 544).

Algumas Igrejas amazônicas começaram a implementar esta importante orientação pastoral antes da Conferência de Aparecida (2007). Por exemplo: em 2005, iniciaram seus encontros os(as) missionários(as) e pastorais do Vicariato São José do Amazonas (Peru), Vicariato de Letícia (Colômbia) e Dioceses do Alto Solimões (Brasil); a partir de 2006, encontram-se os agentes pastorais e bispos da Diocese de Roraima (Brasil), Vicariato de Santa Elena del Uairén (Venezuela) e a Diocese da Guiana; também em 2006, iniciaram seus encontros as Igrejas do Vicariato de Puerto Maldonado (Peru), Vicariato de Pando (Bolívia) e a Diocese de Rio Branco (Brasil). Todos buscam unir esforços nas regiões de fronteira para responder melhor à sua missão.

Nos Evangelhos encontramos, em várias passagens, Jesus convidando seus discípulos a embarcar e passar para a outra margem. Em algumas passagens a expressão é muito forte: “[...] Jesus mandou que os discípulos entrassem no barco e fossem adiante dele para o outro lado do mar [...]” (Mt 14,22). Em Aparecida, nossos pastores também são profeticamente

exigentes neste ponto: “[...] devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir ‘à outra margem’” (*DAP*, n. 376).

Como chegar às “fronteiras” (geográficas e/ou simbólicas), onde as feridas estão mais abertas? Itinerância e interinstitucionalidade na missão

A itinerância e a interinstitucionalidade na missão são dois componentes importantes que nos facilitam chegar nas “fronteiras”.

“Itinerância geográfica” e “itinerância interior” na missão

Em seu Evangelho, Lucas (8,1) nos diz que “[...] Jesus percorria cidades e povoados proclamando e anunciando a Boa-Nova do Reino de Deus. Os Doze iam com ele, e também algumas mulheres [...]”. Ser “discípulos missionários sem fronteiras” (*DAP*, n. 376) significa que estamos dispostos a nos mover e itinerar para ir ao encontro, para chegar e adentrar-nos nas “fronteiras”, geográficas ou simbólicas, onde as feridas da humanidade, da Mãe Terra e de toda a criação estão mais abertas.

A “itinerância” tem duas dimensões importantes e complementares. De um lado está a itinerância geográfica, que é exigente e nos convida a viver, muitas vezes, sem ter “onde reclinar a cabeça” (cf. Lc 9,58). Mas, por outro lado, está a dinâmica da “itinerância interior”. Esta é mais exigente. É preciso estar disposto a sair de nossos esquemas e seguranças, a colocar-nos na perspectiva do outro diferente; dispostos a prender-nos nas mãos providentes de Deus, que nos acompanha em meio ao que não controlamos e que nos cuida por meio das humildes mãos do povo, dos outros “diferentes” que nos acolhem com carinho nesta Amazônia. Uma itinerância sem a outra não acontece. As duas são os lados de um mesmo processo que nos convida a colocar toda a nossa confiança no Pai Providente: “[...] não vivais preocupados com o que comer, quanto à vida: nem com o que vestir, quanto ao corpo. [...]” (cf. Lc 12,22-31). E a escutar a nossa Mãe morena, a Virgem de Guadalupe, que, atenta às neces-

sidades dos pobres, serena nos diz: “Fazei tudo o que ele vos disser!” (cf. Jo 2,5).

A itinerância é um chamado a atravessar as “fronteiras” nos dois sentidos. Atravessar as fronteiras é arriscado e nos causa medo, exige desvestir-nos de nossas velhas roupas, esquemas e lógicas. É o desafio que vivemos na Amazônia, onde somos convidados a passar de nossa “monocultura” de visão e lógica a uma “ecologia de culturas”, com uma diversidade enorme de lógicas e espaço-temporalidades. Só assim é possível captar e compreender a novidade que se encontra do outro lado da “fronteira” e que o outro diferente nos revela. Sem dúvida, não basta atravessar as “fronteiras” em um único sentido. Isso seria mais fácil: atravessar a fronteira e ficar no outro lado (“porque muitas vezes neste lado não me entendem”). O exigente e fecundo é atravessar as “fronteiras” nos dois sentidos. É necessário “sair” para o outro lado. Mas não é suficiente. Não basta atravessar a fronteira em único sentido, é preciso fazer o esforço para voltar a “entrar” e traduzir em categorias compreensíveis a novidade encontrada no outro lado da “fronteira”. Somente assim poderemos avançar, ir *des*-construindo os velhos modelos que não respondem mais, para juntos construir processos e respostas mais adequadas – conforme os tempos, lugares e pessoas – aos novos e grandes desafios da Pan-Amazônia e do mundo.

A itinerância deve ser compreendida como um serviço complementar (e não oposto) aos serviços missionários “mais fixos”. É o serviço que Paulo prestou à Igreja nascente complementando a missão de Pedro. Essa dinâmica itinerante faz parte, desde seus inícios, da tradição missionária mais genuína da Igreja. Parece que hoje, mais do que nunca, é preciso voltar a equilibrar o corpo apostólico da Igreja (talvez enfraquecido pelo peso das instituições) com essa dimensão missionária itinerante. Poderíamos, assim, talvez, chegar com mais agilidade e vigor profético aos novos cenários onde feridas estão mais abertas.

*Interinstitucionalidade e intercongregacionalidade na missão:¹⁶
nossa missão comum tão importante como a minha!*

Diante das grandes feridas e dos desafios existentes na Amazônia, é necessário (mas não suficiente) incorporar esta dinâmica itinerante (mais paulina) para chegar onde as feridas estão mais abertas. Precisamos também aprender a somar com outros, porque sozinhos não dá. Nem individual, nem institucionalmente (uma única instituição) se pode enfrentar esses grandes desafios pan-amazônicos. Graças a Deus, atualmente muitas de nossas instituições reconhecem humildemente sua incapacidade para responder a eles. Normalmente, argumenta-se a falta de recursos humanos e/ou materiais, mas pode ser que a questão seja mais profunda. Talvez seja um oportuno convite histórico do Espírito a ampliar nossa visão (muitas vezes míope) e a mudar nossos paradigmas de missão.

A pergunta profética que se levanta é: se diante das “feridas mais abertas” sozinhos não podemos, será que Deus se esqueceu de seus prediletos, os pobres e excluídos, cujas vidas estão mais ameaçadas nesta Amazônia? Evidentemente, o problema não é de Deus. Deus continua nos interpelando desde os crucificados e desde as “feridas mais abertas”. Se “sozinhos”, a partir de nossas instituições, não podemos assumir esses grandes desafios missionários, talvez seja porque Deus nos está convidando a dar um passo a mais nesta conjuntura histórica. Ele nos está convidando a assumir sua missão de outro modo, interinstitucionalmente, somando com outros na missão, para chegar onde as feridas estão mais abertas e onde sozinhos não podemos chegar.

Atualmente, vivemos em um mundo onde o individualismo e a fragmentação social são as estratégias do sistema vigente para continuar se impondo, dominando e explorando as maiorias e a Mãe Terra. Por isso, talvez, o Espírito nos está convidando profeticamente a retomar nosso sentido profundo de comunidade e catolicidade, nos convida a somar-nos, articular-nos, solidarizar-nos e unir-nos em um grande projeto que busque o bem comum (político) que articule a unidade na diversidade (trinitário). Isto é profecia,

16. Distinguimos intercongregacionalidade de interinstitucionalidade na missão. Entendemos a intercongregacionalidade quando somente se somam Congregações religiosas em um mesmo projeto missionário. Quando falamos de interinstitucionalidade, queremos expressar que além de Congregações religiosas se somam à missão diferentes instituições leigas, grupos etc. Nesse sentido, a interinstitucionalidade integra e amplia a intercongregacionalidade na missão.

revolução divina, Reinado de Deus. Manter-nos fragmentados e individualistas é ser míopes, ingênuos ou soberbos. É continuar sendo funcionais ao sistema vigente, mesmo quando estamos fazendo, cada um por si, muitas coisas boas e maravilhosas. É preciso recompor os sujeitos sociais desta Amazônia e do mundo.

Creemos que nisso pode contribuir muito a perspectiva de interinstitucionalidade na missão. Hoje, assumir a missão interinstitucionalmente é um sinal profético dos tempos contra o individualismo, a fragmentação social e institucional (funcional) que o sistema impôs.

Mas temos de reconhecer que o caminho da interinstitucionalidade na missão é uma experiência nova que está em fase de construção. E o novo assusta, causa medo e nos desinstala de nossas seguranças. Por isso exige uma atitude humilde e profunda de discernimento, de escuta e aprendizagem, de coragem no Espírito para estar dispostos a trilhar e navegar tais “caminhos e rios” novos, com todos os seus riscos. Todavia não há uma “cultura interinstitucional” na prática missionária das Congregações, Organizações, Igrejas. Estamos aprendendo.

A interinstitucionalidade na missão só é possível se cada pessoa, grupo, Organização, Congregação ou Instituição que participa do projeto o assume com o mesmo carinho, cuidado, empenho e dedicação que seus próprios projetos missionários. Isso significa que “nosso” projeto missionário interinstitucional é tão importante como “meu” próprio projeto. Enfim, a missão não é nem “minha” nem “nossa”: é do Senhor, que a ela, com muito carinho, nos chamou.

Essa perspectiva pastoral “inter” (de somar) no-la propõem os próprios bispos em Aparecida, quando convidam as Igrejas da bacia Amazônica a estabelecer “uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum” (DAp, n. 475, 544).

A partir da itinerância e da interinstitucionalidade, como comunidades missionárias pan-amazônicas chamadas pelo

Espírito a adentrar-nos e atravessar as “fronteiras”, podemos propor projetos e comunidades interfronteiriças. Propor comunidades e projetos intercongregacionais (com pessoas de várias Congregações) e interinstitucionais (também com leigos[as]) dos diferentes países amazônicos fronteiriços, que somam seus recursos (humanos e materiais) para poder responder aos enormes desafios presentes nessas regiões, que, sozinhos, reconhecemos, não podemos enfrentar. Esse seria um profundo sinal profético para a Pan-Amazônia e para o mundo.

Qual é a mística para estar nas “fronteiras”?

Espiritualidade profética de “fronteira”

Dom Helder Câmara¹⁷ inspirou desde o início a mística de nossa missão interinstitucional e itinerante pelas fronteiras da Pan-Amazônia: *Aceita as surpresas que transtornam teus planos, derrubam teus sonhos, dão rumo totalmente diverso ao teu dia e, quem sabe, à tua vida. Não há acaso. Dá liberdade ao Pai, para que ele mesmo conduza a trama de teus dias.*

Itinerar pelas “fronteiras”, pessoais e interpessoais, das distintas realidades onde as feridas estão mais abertas exige uma espiritualidade encarnada, disposta a “estar com quem ninguém quer estar, onde ninguém quer estar e como ninguém quer estar”.¹⁸ Esta espiritualidade e esta mística são dom e tarefa. É preciso pedi-las incessante e humildemente ao Espírito, mas é preciso também cultivá-las no cotidiano da vida e da missão, no caminhar com os outros pelas “fronteiras” da Amazônia.

Em Aparecida, nossos pastores nos incentivam a anunciar e denunciar: [...] como profetas da vida, queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes de vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. [...] (DAp, n. 471). Este desafio apresentado por nossos pastores retoma o tema do compromisso cristão com a política, entendida como busca do bem comum. Vivemos em um sistema que inverteu a ordem: o econômico subordinou o político. O interesse

17. Profeta, arcebispo de Olinda e Recife, Brasil. Faleceu em 1999.

18. Projeto da Equipe Itinerante (Versão 2007), “Traços da espiritualidade itinerante”. Expressão de Pepe H., sj.

econômico de muitos impôs-se à busca do bem comum (política). Nessa conjuntura, nosso compromisso profético passa a voltar a carregar de espiritualidade e mística a política para que volte a retomar seu lugar primigêneo da gestão do poder na busca do bem comum ao qual a economia deve servir.

A Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) nos anima a “cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero”.¹⁹ Isso exige um altíssimo compromisso político (bem comum) carregado de espiritualidade e mística.

Na atual mudança de época e paradigma que vivemos, a Amazônia e o mundo exigem uma espiritualidade radical, de “fronteira”, como a de nossos mártires. Não serve ser tíbios: “[...] porque és morno, nem frio nem quente, estou para vomitar-te de minha boca” (Ap 3,16). Afirmava a Irmã Dorothy Stang, pouco antes de ser assassinada em 2005: “Não vou fugir nem abandonar a luta desses agricultores que estão desprotegidos em meio à selva. Eles têm o sagrado direito a uma vida melhor em uma terra onde possam viver e produzir com dignidade, sem destruir”.²⁰

Dom Erwin Kräutler (68 anos), bispo do Xingu (Amazônia brasileira) e presidente do CIMI, está há mais de quatro anos “marcado para morrer” por denunciar a violência e a depredação da Mãe Terra e seus povos tradicionais. Por isso está com segurança policial permanente. Seu testemunho também nos anima a não ser tíbios em nossa missão profética: “Amazônia, um filho teu não foge à luta”.

Esses(as) irmãos(ãs), “maiores” na fé e no compromisso místico-político, nos convidam a não deixar que matem nossa utopia, sua utopia do Reino. Animam-nos a apostar nossas vidas por aquilo de que estamos convencidos, que é “nosso amor primeiro”. Impulsionam-nos a gastá-la com aqueles com os quais ele a gastou primeiro. Não claudiquemos, não tenhamos medo. Consumamo-nos naquilo que nos dá a verdadeira paz.

19. CRB. 2ª Prioridade para o período 2007-2010.

20. Irmã Dorothy Stang (73 anos) foi assassinada por defender os direitos dos povos da Amazônia. Deram-lhe seis tiros – um na cabeça e cinco pelo corpo – no dia 12 de fevereiro de 2005, em Anapu, Pará, Brasil.

Devemos pedir e alimentar uma espiritualidade profética que nos ajude a manter com firmeza duas decisões importantes no seguimento discipular do Senhor pelas “fronteiras”: 1. Discernir e decidir com quem Deus nos convida a empenhar nossa vida e missão aqui na Pan-Amazônia, onde as feridas estão mais abertas; 2. Manter a primeira decisão quando as coisas se complicam, mesmo que nos custe a vida, como aconteceu a tantos mártires. Peçamos uns pelos outros para que o sangue de nossos mártires não nos deixe em “paz” e nos dê tal firmeza.

Alguns traços dessa espiritualidade de “fronteira”:²¹

- a) *Espiritualidade itinerante.* A expressão “espiritualidade itinerante” evoca rapidez e movimento em novas direções, interna e geograficamente, deixando-se conduzir pelo sopro do Espírito de Deus, discernindo sua vontade, no cotidiano da vida dos pobres, *diferentes e excluídos: sair da própria terra* (cf. Gn 12,1); *êxodo: aprender a ser livres* (cf. Ex 13,18.20-22); *acolher o imigrante* (cf. Lv 19,33-34); *caminhar humildemente* (cf. Mq 6,8); *fuga para o Egito: um novo êxodo* (cf. Mt 2,13-14); *acolhida incondicional* (cf. Mt 25,31-46); *itinerar com Jesus a Emaús* (cf. Lc 24,13-35); *caminhar rumo aos excluídos* (cf. Is 61,1-2); *somar forças com pessoas e entidades que se identificam com a causa da justiça socioambiental e da liberdade* (cf. Lc 9,49-50).
- b) *Além da itinerância geográfica.* Estar disponível para ir a qualquer lugar em que se seja mais necessário. Implica uma *atitude de itinerância interior* muito mais exigente do que a própria mobilidade externa. Trata-se de sair dos próprios esquemas mentais, das obras, estruturas ou organizações pastorais e colocar-se em atitude de acolhida, escuta, diálogo, de abertura ao novo e ao diferente, a exemplo de Jesus (cf. Jo 4,1-15). A atitude de itinerância interior cria um estado de insegurança e falta de certeza no itinerário, mas é justamente isso o que alimenta a espiritualidade de fronteira, livre para, como disse o cantor destas terras, “[...] viver e não ter vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz [...]”,²² mesmo que tenha de dar a vida!

21. Projeto da Equipe Itinerante da Amazônia, “Traços da espiritualidade”.

22. Gonzaguinha. O que é, o que é?

- c) *Ir ao encontro do outro: inculturação e diálogo.* Uma espiritualidade que implica *baixar* ao encontro do pobre e diferente; diminuir para que ele cresça e, assim, construir com ele relações de igualdade e fraternidade, ou de fraternidade na diferença. Isso exige humildade e simplicidade. É uma espiritualidade encarnada em contínua gestação e diálogo que exige criatividade, abertura, dinamismo, desprendimento de poder e sensibilidade humana.
- d) *Discernimento e decisão.* Diante da diversidade constante de situações, internas e externas, que as “fronteiras” apresentam, faz-se necessária uma atitude permanente de discernimento pessoal e em equipe, na urgência de perceber para onde aponta o Espírito na missão. Uma vez discernido, é preciso decidir e manter com firmeza essa decisão em meio às dificuldades, obscuridades, medos, incompreensões, incertezas, ameaças etc., somente depositando toda nossa confiança no amor compassivo e fiel da Trindade, que nos conduz e acompanha.
- e) *Os excluídos como sujeitos, filhos da Mãe Terra.* Uma espiritualidade que exige uma opção pelos mais excluídos, seguindo os passos do Mestre – amigo das crianças, mulheres, pecadores, porque eles são os preferidos do Pai. Esta implica um compromisso contínuo com os *sujeitos* da missão: os indígenas, os ribeirinhos e os marginalizados urbanos, os povos tradicionais etc. Eles são marginalizados (ou manipulados) pelas instâncias de poder das elites, que não reconhecem seu valor, sua cultura, sua dignidade e cidadania. É preciso crer que essas pessoas são sujeitos de seu próprio caminho, sua história e sua libertação dentro de suas culturas e realidades. Mas é também uma espiritualidade socioambiental, cuidadosa das pessoas e cuidadosa da Mãe Terra, que a todos nos cuida e sustenta como filhos seus que somos.
- f) *Agradecer e celebrar nossos mártires.* A espiritualidade de “fronteira” se alimenta no mistério pascal de Jesus, no mistério pascal de nossos mártires. Como nos lembram nossos pastores, devemos “bendizer ao Senhor pelo

testemunho de tantos leigos e leigas, religiosos e religiosas, sacerdotes e bispos que entregaram sua vida até o martírio, para dar vida aos povos amazônicos”.²³

- g) *Origem, centro e finalidade.* A espiritualidade de “fronteira” tem como origem o Deus da Vida e da história, o Deus de diferentes nomes, já presente na diversidade socioambiental amazônica antes de nós chegarmos lá. Tem como centro os excluídos e a Mãe Terra. Sua finalidade é o amor e a justiça socioambiental do Reino, a vida abundante, vida verdadeira e integral de toda a criação.

Para que nossos(as) filhos(as) continuem a dança da vida...

Os bispos amazônicos insistem:

A Amazônia é parte da criação, e temos responsabilidade de respeitar a biodiversidade e a sociobiodiversidade. Esta responsabilidade nos impele a reconhecer a sabedoria milenar e a espiritualidade dos povos tradicionais que habitam nela, a reconhecer neles o rosto do Cristo sofredor”.²⁴

E como nos dizia o velho líder Jagua (rio Oroza, Amazônia peruana) em um seminário socioambiental: Só assim, unindo-nos todos e tomando consciência de que todos somos filhos e filhas da Mãe Terra, cuidando-a responsavelmente e deixando-nos cuidar por ela, nossos filhos e os filhos dos nossos filhos poderão continuar a dança da vida sobre a Mãe Terra.

“Avancemos para águas mais profundas!” (cf. Lc 5,1-4).

23. CELAM. *III Encontro dos Bispos Amazônicos*. Manaus, 1-4 de outubro de 2009.

24. *Ibid.*

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Com que rostos Deus nos convida a “empenhar” e comprometer nossa vida e missão aqui e na Pan-Amazônia?
2. Quais são as “fronteiras” (geográficas e/ou simbólicas) que descubro em minha realidade, onde as feridas estão mais abertas? Sinto o chamado de Deus a partir delas? Sinto-me convidado a arriscar com os que já estão com elas?
3. A itinerância e a interinstitucionalidade (intercongregacionalidade) na missão são perspectivas às quais estou aberto(a)? Minha Congregação ou Instituição está aberta a elas?
4. Como está a mística e “saúde espiritual” pessoal e institucional? É uma espiritualidade ou mística de “fronteira” profética? Como a estamos cultivando?